

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA**

**O USO DA PSICOPEDAGOGIA NA INTERVENÇÃO E AUXÍLIO DO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

TATIANE OLIVEIRA DE ANDRADE

ANÁPOLIS
2015

TATIANE OLIVEIRA DE ANDRADE

**O USO DA PSICOPEDAGOGIA NA INTERVENÇÃO E AUXÍLIO DO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção de título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica sob orientação da Professora Especialista Ana Maria Vieira de Souza.

ANÁPOLIS
2015

TATIANE OLIVEIRA DE ANDRADE

**O USO DA PSICOPEDAGOGIA NA INTERVENÇÃO E AUXÍLIO DO PROCESSO
DE APRENDIZAGEM DA CRIANÇA**

Artigo apresentado à coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção de título de Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica

Anápolis, 31 de janeiro de 2015.

APROVADO EM: _____/_____/_____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Ana Maria Vieira de Souza
Orientadora

Prof.^a Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
Convidada

Prof.^a Ms. Halan Bastos Lima
Convidado

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus familiares que sempre me apoiaram em todos os momentos principalmente nos de estudo.

Dedico também, em especial pela ajuda recebida na supervisão da minha Professora **Ana Maria Vieira de Souza** pela inestimável ajuda.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela sua infinita bondade e misericórdia, aos meus familiares pela compreensão.

“O importante da educação não é apenas formar um mercado de trabalho, mas formar uma nação com gente capaz de pensar.”

José Arthur Giannotti

RESUMO

O trabalho realizado tem como objetivo analisar a importância da prática do psicopedagogo dentro das escolas no processo de desenvolvimento de aquisição intelectual, formação como indivíduo e na aprendizagem escolar entendendo que este estudo pode ajudar outros profissionais que se interessem em conhecer um pouco mais da psicopedagogia analisando um estudo de caso. Os objetivos específicos tratam da postura do psicopedagogo frente às dificuldades de aprendizagem e outros transtornos e como este orienta os pedagogos que atuam diretamente com as crianças acometidas dessas dificuldades; trata-se também a respeito da compreensão dos educadores em questão da conduta em sala de aula, principalmente a relação afetiva com as crianças e adolescentes portadoras de alguma dificuldade de aprendizagem. O estudo de caso baseou-se na realidade de uma criança que frequenta o Ensino de Educação Infantil e demonstra alterações no comportamento e outras queixas, sendo o estudo realizado na C. B. S. em Anápolis, há necessidade também de dizer que o estudo apoiou-se em leitura e estudos de várias obras como: artigos, livros impressos, livros em pdf, revistas, entre outros. Compreende-se que através deste trabalho é possível contribuir de alguma maneira para a compreensão e talvez conscientização de pedagogos, professores e psicopedagogos quanto à importância da formação continuada, visto que a prática de estudo colabora para melhorar a postura do profissional de ensino em sala de aula e para o entendimento e esclarecimento do verdadeiro papel do psicopedagogo nas instituições de ensino.

Palavras-Chave: Psicopedagogia. Equipe Pedagógica. Dificuldade de Aprendizagem.

ABSTRATC

The work aims to analyze the importance of the practice of the psychopedagogic within the schools in the process of development of intellectual acquisition, training as an individual and in school learning understanding that this study may help other professionals who are interested in knowing a little more of psycho analyzing a case study. The specific objectives deal with the attitude of the psychopedagogic forward to learning difficulties and other disorders and as this guides the teachers who work directly with the affected children of these difficulties; it is also about the understanding of the teachers concerned the conduct in the classroom, especially the affective relationship with the children and adolescents with some learning difficulties. The case study was based in the reality of a child who attends the School of Early Childhood Education and shows changes in behavior and other complaints, and the study was carried out in the C. B. S. in Annapolis, there is need also to say that the study will be based on reading and studies of various works such as: articles, printed books, books in pdf, magazines, among others. It is understood that this work is possible in any way contribute to the understanding and perhaps awareness of pedagogues, teachers and educational psychologists regarding the importance of continued education, since the practice of study collaborates to improve the posture of the professional education in the classroom and for the understanding and clarification of the real role of the psychopedagogic in teaching institutions.

Keywords: Psychopedagogy. Team Teaching. Learning difficulties.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 PSICOPEDAGOGIA	12
2 DIAGNÓSTICO	15
2.1 ANAMNESE.	15
2.2 E.F.E.S.	17
2.3 E.O.C.A.	19
2.4 PROVAS DE PIAGET (Pedagógicas, Operatórias, Projetivas, Psicomotoras) ...	21
2.4.1 Relatório: Desenho da família	23
2.4.2 Relatório: Meus compleãnos	24
2.4.3 Relatório: Brincando com a família	25
2.4.4 Relatório: Brincando com o alfabeto	26
2.5 REALISMO NOMINAL	27
2.6 NOÇÃO DE ESPAÇO	28
2.7 PAR EDUCATIVO	29
2.8 CAIXA LÚDICA	30
3 REFERENCIAL TEÓRICO	31
3.1 A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM	31
3.2 AFETIVIDADE E POSTURA DO PROFESSOR EM SALA DE AULA	33
3.3 A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO	35
4 SISTEMA DE HIPÓTESES	38
5 DISCUSSÃO	31
5.1 DADOS PESSOAIS	41
5.2 MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO	41
5.3 TEMPO DE INVESTIGAÇÃO	41
5.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS	41
5.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS NOS ASPECTOS:	42
5.6 SÍNTESE DE RESULTADOS – HIPÓTESE DIAGNOSTICA	43
5.7 RECOMENDAÇÕES E INDICAÇÕES	43

CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXOS	49

INTRODUÇÃO

Ao conhecer a Psicopedagogia amplia-se a capacidade reflexiva sobre várias teorias do desenvolvimento da aprendizagem, Bossa (2000) afirma que a Psicopedagogia a princípio trata de uma aplicação prática da Psicologia à Pedagogia, porém chama a atenção para seu caráter interdisciplinar, entende-se que desta forma ambas contribuíram para a formação da Psicopedagogia, claro que não é possível descartar as contribuições de áreas afins como: a Filosofia, a Neurologia, a Sociologia, a Llinguística, a Psicanálise, entendendo que tal construção se deu ao longo de vários anos de estudo.

A Psicopedagogia está se estruturando em torno do processo de aprendizagem humana, seus padrões evolutivos normais e patológicos bem como a influência dos meios da família, escola, sociedade em seu desenvolvimento (BOSSA, 2000). Desta maneira entende-se que a Psicopedagogia vem para ajudar na formação do indivíduo.

A dificuldade de aprendizagem quase sempre se apresenta associada a outros comprometimentos, nos estudos deste trabalho verifica-se que a afetividade pode comprometer o desenvolvimento do aluno, a postura da família e também da escola frente ao problema é fundamental para a superação da dificuldade ou para a manifestação do fracasso.

Algumas teorias da aprendizagem relatam que o papel hábil do aluno é a sua capacidade de assumir a responsabilidade de aprender e construir conhecimentos estáveis e significativos para o seu dia a dia, porém percebe-se que o papel do professor e da equipe pedagógica durante essa construção de saberes e aprendizado é um regulador importante, pois são esses profissionais que orientam o aluno a encaminhar a tal processo. Entende-se que importa se a escola (equipe pedagógica) e o professor estejam preparados para desenvolver nos alunos as capacidades necessárias, e atitudes comportamentais de autonomia.

Crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam modos de enfrentamento inadequados frente às situações cotidianas e às relações interpessoais, predominando condutas que sugerem baixa capacidade de autorregulação, hostilidade e resistência às normas. Muitas vezes elas são descritas como desobedientes, irritáveis, impacientes, agitadas, inseguras, briguentas e destrutivas (MEDEIROS; LOUREIRO, 2004).

Pressupõe que o bom conhecimento e observação dos alunos por parte do professor pode ajudar a identificar possíveis casos de transtornos emocionais bem como o uso de procedimentos específicos pode ajudar o aluno em seu desenvolvimento. Verifica-se que cada indivíduo tem uma maneira de aprender, mas é preciso considerar que toda criança precisa ser treinada e orientada a viver em sociedade, este processo envolve a educação formal e informal, a participação efetiva da família e da escola, segundo Leal e Nogueira (2011, p.19):

Uma criança ao nascer não está geneticamente programada para viver em sociedade: não sabe falar, andar, ir ao banheiro ou usar as técnicas para a sua subsistência e proteção. É necessário ensinar-lhe como se comportar, como viver em sociedade; é preciso humanizá-la, civilizá-la, e a educação formal e informal servem justamente para realizar o trabalho de inserção da criança no meio sociocultural ao qual ela pertence. Sendo assim, não podemos conceber a educação como algo isolado, sem vínculos com a economia, à cultura e a política, como se os processos educativos acontecessem de maneira isolada e desintegrada da realidade. Por isso, a necessidade de pensar o desenvolvimento da educação ao mesmo tempo em que se pensa o desenvolvimento do sujeito e da sociedade, pois são interdependentes.

Entende-se que a tarefa escolar de atender particularmente cada aluno pode ser vista como uma estratégia de estímulo ao aprendizado e a inserção à sociedade, uma verdadeira luta pela melhoria das condições de aprendizagem, já que é possível notar que basicamente no início do século XX o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem eram explicadas a partir de conclusões médicas como problemas orgânicos do aluno. Pesquisas mostram que houve vários estudos onde professores falavam de estímulos para diminuir a dificuldade de aprendizagem, porém os estímulos referiam-se a meio externos, ou seja, as dificuldades eram consideradas apenas do ambiente extraescolar.

Por isso, o objeto de estudo da Psicopedagogia deve ser entendido a partir da consideração do ser humano em desenvolvimento, desta forma poderá esclarecer de forma mais ou menos sistemática, a professora, pais e administradores sobre as características das diferentes etapas do desenvolvimento, sobre o progresso nos processos de aprendizagem (BOSSA, 2000).

Rubinstein (1992) afirma que a Psicopedagogia primeiramente esteve preocupada com o desenvolvimento das metodologias que melhor atendessem aos portadores de dificuldades, com o objetivo de reeducar ou remediar os sintomas do não aprendizado.

1 PSICOPEDAGOGIA

No Brasil, a Psicopedagogia surgiu na década de 1970, em busca de resolver dificuldades de aprendizagem relacionadas à Disfunção Neurológica Mínima (DCM), tentando encobrir os problemas sociais e também educacionais da época. A Psicopedagogia é uma área de conhecimento e pesquisa na atuação interdisciplinar, voltada para os processos de ensino-aprendizagem, que integra o diagnóstico e a intervenção em situações que envolvam esses processos no plano individual, grupal e institucional (BOSSA, 2000).

A cultura da Psicopedagogia no Brasil está engatinhando quando comparada à Argentina. Sugere, tal fato que as diferenças passam fundamentalmente pela realidade cultural de cada país. A Argentina tem uma história cultural diferente do Brasil. Os profissionais argentinos, por sua própria história na psicopedagogia, são mais amadurecidos (FERNÁNDEZ, 1991).

Conforme Bossa (2000) o primeiro curso de especialização em Psicopedagogia surgiu em São Paulo, no ano de 1970, no Instituto Sedes, em nível de pós-graduação.

De acordo com Fernández a Psicopedagogia nasceu da necessidade de uma melhor compreensão do processo de aprendizagem humana e assim estar resolvendo as dificuldades de aprendizagem.

A psicopedagogia se originou como uma nova prática na tentativa de intervir resolvendo as situações individuais das crianças e adolescentes que fracassaram no aprender. O fracasso escolar não pode ser confundido com um problema de aprendizagem (FERNÁNDEZ, 1991, p.59).

O sistema de ensino e aprendizagem passa a ser objeto de estudo da Psicopedagogia. A dificuldade da aprendizagem se relaciona com o desenvolvimento e a crescente complexidade da sociedade nos últimos séculos. Através deste estudo compreendeu-se que a Psicopedagogia enquanto campo de saúde e educação é um campo relativamente novo e encontra-se em plena construção. Para Bossa (2000), este ramo da ciência constitui um campo recente e bastante atípico e define que “quanto mais se tenta elucidá-lo, menos claro ele nos parece”. Tem como estudiosos grandes nomes como: Bandura, Gagné, Guthrie, Hull, Kohler, Lewin, Piaget, Rogers, Skinner, Thorndike entre outros.

Fernández (1991) afirma que no Brasil, a Psicopedagogia é

especialização, curso de aperfeiçoamento. Já a Argentina a formação de graduação de cinco anos.

No final da década de 70, surgiram os primeiros cursos de especialização em Psicopedagogia que no Brasil, idealizados para complementar a formação dos psicólogos e dos educadores que buscavam soluções para esses problemas.

Numa linha preventiva, o psicopedagogo pode desempenhar uma prática docente, envolvendo a preparação de profissionais da educação, ou atuar dentro da própria escola (FERNÁNDEZ, 1991).

O campo de conhecimento da Psicopedagogia utiliza-se da articulação de várias disciplinas como a Pedagogia, a Psicologia, a Neurologia, a Linguística, a Psicomotricidade. Dessa forma, a criança é analisada em sua interação com a família, a escola e o meio social, nos aspectos cognitivo, emocional e pedagógico.

O profissional psicopedagogo tem duas opções de atuação: clínica e institucional, tendo em vista que seu objeto de estudo é a dificuldade de aprendizagem (CAMPOS, 2003).

Área clínica, que se ocupa da avaliação psicopedagógica do aluno que apresenta dificuldades de aprendizagem impossíveis de serem sanadas na escola e que demandam um atendimento terapêutico e/ou curativo. Espera-se que o especialista em psicopedagogia, ao decidir atuar profissionalmente, dê início a uma formação clínica que deve habilitá-lo para exercer sua função com maior competência e propriedade. Já a área institucional é que vai atuar no sentido de prevenir a ocorrência das dificuldades de aprendizagem no âmbito da instituição escolar, junto aos professores e demais educadores, sempre considerando o aluno, sua família e seu contexto como partes integrantes do sistema escolar (BOSSA, 2000).

Na escola o psicopedagogo deve trabalhar para construir, junto com os alunos e professores, um espaço de aprendizagem saudável, criativo e instigador. É importante que sua participação se estenda aos vários espaços escolares, desde a construção do Projeto Político Pedagógico da instituição até a definição das rotinas em sala de aula (FERNÁNDEZ, 1991).

Deve ser um profissional preparado para avaliar e propor estratégias de intervenção em situações em que dificuldades de aprendizagem surjam, a despeito de suas origens e causas. Deve estar preparado para interagir com diversas situações e propor, tanto para a escola como para as famílias alternativas que

auxiliem as crianças a reconstruírem suas estratégias de aprendizagem. Poderá atuar também, em consultórios, hospitais, clínicas de reabilitação e demais instituições de saúde onde os processos de ensino e aprendizagem destacam-se como indispensável das propostas terapêuticas.

A Psicopedagogia Institucional preocupa-se com a instituição escolar e com a prevenção das dificuldades de aprendizagem. Assim, a Psicopedagogia surge de uma necessidade de solucionar as dificuldades de aprendizagem.

Dificuldade é atraso, a criança que tem uma dificuldade, mostra um atraso naquilo em que ela está precisando a intervenção do adulto, até por que ela vai construindo e superando sozinha. Mas quando ela mostra um atraso, ou dificuldade ela ta dizendo que precisa da ajuda. (CAMPOS, 2003, p. 80)

Desta forma, se faz necessário perceber que cada grupo de alunos constitui uma identidade, um conjunto de sujeitos diferentes que constituem outra história e uma modalidade de interações, de significados e relações de aprendizagem.

De acordo com o teórico Escott (2004, p. 36) “a instituição escolar é um espaço de construção de conhecimento não só para o aluno, mas para todos nele envolvidos”, sendo assim, não se limita a um único sujeito da aprendizagem, mas também a gestão escolar.

2 DIAGNÓSTICO

2.1 ANAMNESE

Entende-se que a entrevista de *Anamnese* serve para que o profissional Psicopedagógico conheça mais profundamente as questões do paciente, para isso ele usa técnicas para estabelecer uma avaliação diagnóstica através de um questionário de perguntas. Esta é a base e o ponto inicial para qualquer início de tratamento, é também pela *Anamnese* que estabelece o apoio ao indivíduo que procura um psicopedagogo (FERNÁNDEZ, 1991).

No momento da realização da *Anamnese* é preciso demonstrar empatia com o paciente além de ser atento ao que é dito e como é dito, já que muitas vezes esta anamnese é realizada a partir de uma entrevista oral. Por isso, nesta circunstância é necessário obter o maior número de informação possível, para assim conseguir entender o motivo da procura de um profissional Psicopedagógico.

Ressalta-se que a anamnese deve ser feita de maneira consciente, pois se trata de uma situação que o entrevistado procura ajuda e necessita entender o motivo e as circunstâncias que o envolve.

Atualmente cria-se um ambiente agradável para a realização da *Anamnese*, porque se acredita que se a *Anamnese* for conseguida somente de uma forma de interrogatório sistemático, pode-se perder a confiança do paciente, na medida em que este vai ver o psicopedagogo como simplesmente alguém que quer invadir a sua privacidade, faz-se necessário ser mais discreto o possível e usar perguntas pertinentes e que levem a descoberta das causas da procura de um psicopedagogo.

A entrevista para conhecer um pouco sobre a vida do K.I.R.A. foi realizada com a mãe, sendo que o pai não compareceu, colheu-se informações desde a gravidez até o estágio atual.

Percebe-se que K.I.R.A é um menino de cinco anos de idade que estuda atualmente no C.B.S., situada no bairro Alexandrina, reside em outro bairro próximo ao CEI, juntamente com sua mãe R.C.R de 30 anos, seus pais se separaram recentemente e seu irmão mais velho de seis anos mora com o pai e os avós paternos em outra residência.

A separação entre irmãos aconteceu porque o pai não pagava pensão e a

mãe não tem condições de manter os filhos, por isso cada um ficou com um filho. E desde a separação a presença do pai tem se tornado ausente, assim como o irmão mais velho. Às vezes o K.I.R.A vai para casa do pai e outras vezes o irmão vem para casa da mãe, mas isso não acontece com frequência.

K.I.R.A iniciou a frequência na creche este ano (2014), antes porém ficava com uma babá, na primeira semana não teve problemas na adaptação e a mãe não recebeu nenhuma reclamação por parte das professoras. A partir da segunda semana começou apresentar problemas no comportamento, ele tem dificuldades em obedecer a regras, gosta de fazer as coisas na sua hora do seu jeito. A *Anamnese* aconteceu de uma forma agradável, a mãe foi bem receptiva, respondeu a todas as perguntas e está disposta a ajudar seu filho.

Durante a *Anamnese*, R.C.R. informou que a gravidez não foi planejada e por isso continuava tomando anticoncepcional quando sofreu ameaça de aborto com dois meses de gestação, seu casamento estava em crise e tanto ela quanto seu marido não queriam a criança, a mãe chorava todos os dias. A gestação ocorreu sem de forma tranquila e não sofreu nenhum acidente durante o período em que esteve grávida de K.I.R.A. Quando R.C.R. entrou em trabalho de parto foi para o hospital e chegando lá não tinha médico, quando o mesmo chegou à criança já tinha começado a nascer.

K.I.R.A sofreu uma convulsão com quase dois anos, a mãe não soube dizer a idade certa, por causa de uma febre alta, de acordo com os exames nada foi diagnosticado.

Foi relatado também que K.I.R.A tem o sono muito agitado, desde quando era bebê, durante a noite ele tem pesadelos, conversa, chora, e se levanta para ir para a cama da mãe ou para o sofá, isso acontece todas as noites, é raro quando ele dorme uma noite inteira, não gosta de dormir sozinho. A mãe não sabe dizer se ele sofre sonambulismo porque quando ela percebe que ele saiu de sua cama já está de manhã. Às vezes ainda sofre de enurese, urinação involuntária que pode ocorrer em qualquer momento do dia.

Segundo R.C.R., K.I.R.A. fala muito de uma “história do olho”, ele sempre sonha com isso, fala pra mãe, mas não consegue explicar o que é isso acontece com frequência.

Sempre quando chega em casa relata tudo que fez durante o dia no CEI, coisas boas e coisas ruins também, não tem o hábito de mentir.

De acordo com o estudo da Psicopedagogia é fundamental este momento de escuta para que possa conhecer como é o que o sujeito aprende, além de entender e conhecer o dia a dia dele. Na *Anamnese* o Psicopedagogo irá confirmar ou não as suas suspeitas.

Portanto K.I.R.A apresenta obstáculos epistemofílico, insegurança, medo, falar sobre a separação dos irmãos. Consiste em um impedimento ao amor pelo conhecimento, que se pode organizar em três tipos de configurações afetivas: medo e confusão, medo ao ataque e medo à perda. O que favorece a ocorrência de insegurança por parte de K.I.R.A. Outro aspecto interessante é referente à separação do irmão, assim como a separação do seu pai, ou seja, favorece a ocorrência do medo da perda.

2.2 E.F.E.S.

A Entrevista Familiar Exploratória Situacional (EFES) é um dos recursos usados para conhecer mais sobre os hábitos, a família e o modo como vive e forma o cotidiano do indivíduo que procura um Psicopedagogo. Pode reunir toda a família ou apenas parte dela, dependendo da disponibilidade de cada integrante do seio familiar.

De acordo com Fernández (1991, p.126) “o terapeuta, posicionando-se em um lugar analítico permite ao paciente organizar-se e dar sentido ao discurso a partir de outro que escuta e não desqualifica, nem qualifica.”

Segundo Bossa (2000, p.24) as observações permanecem no decorrer do diagnóstico através de intervenções e da “...escuta psicopedagógica...”, para que “...se possa decifrar os processos que dão sentido ao observado e norteiam a intervenção”.

Tratando de uma família que está separada a Entrevista familiar não foi realizada, porque o pai não quis participar. Foi realizada com a mãe e a criança, em uma sala a conversa aconteceu naturalmente e nesta ocasião a criança afirmou que gosta da mãe, mas sempre brinca sozinho porque ela não brinca com ele.

De acordo com Piaget (1975) o brincar representa uma fase do desenvolvimento da inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como função consolidar a experiência passada. Sendo assim,

se a mãe, brinca com o filho ela está ajudando o mesmo a construir a sua identidade e estimulando no aprendizado em geral.

Notou-se também que durante toda a conversa, ele ficava inquieto olhando tudo a sua volta, tinha que ficar chamando para que olhasse pra mim. Contou que a mamãe só faz macarrão e carne. Quando o irmão B. está em casa com ele, eles brincam juntos e quebram os brinquedos. Foi entregue um brinquedo de encaixe para que ele ficasse mais a vontade, sempre quando ele respondia algo diferente da “verdade” à mãe o corrigia, interferindo na resposta de seu filho.

Durante a *Anamnese*, K.I.R.A ainda falando sobre sua rotina em casa perguntei como ele dorme, e ele contou que sempre passa para a cama da mãe a noite e faz isso quando está na casa do pai também. Quando questionei sobre o pai, ele contou que mora em outra casa, o pai, a avó e seu irmão mais velho, quando se referiu à avó ele disse a “vó” dele, como se a avó fosse apenas do irmão, a mãe interferiu perguntando quem mais morava lá, ele insistiu em dizer que era apenas essas pessoas, a mãe perguntou mais umas três vezes e eu mais duas vezes, e mesmo assim ele insistia em dizer que era apenas o pai, a avó e o irmão, questionei então se quando ele estava na casa do pai ele passava para a cama da avó durante a noite e ele disse que não, perguntei quem dorme com a avó e ele disse, ninguém, só ela, até que a mãe interferiu e disse que na casa do pai ainda mora o avô e um tio. Mas o K.I.R.A se recusou a falar sobre eles, em momento algum falou sobre essas duas pessoas.

Disse também que o pai não brinca e não passeia com ele, apenas a avó. O único momento em que se referiu ao tio, disse que ele e o pai são bravos porque batem nele quando faz feiuras e a avó é boazinha. Quando chegamos ao ponto da creche ele disse que gosta de ir, de brincar até de dormir e comer. Quando perguntado se alguém na sala derruba todas as cadeiras da sala ele diz que não, apenas ele, disse que a professora não o deixa brincar porque ele teima e desobedece. Na hora de dormir ele disse que quer brincar. A mãe ficava observando tudo e mudando a feição durante as respostas da criança. Foi questionado se prefere ficar em casa ou na creche e ele disse que na creche, aí disse a ele que pra ficar na creche ele tem que obedecer as professoras seguir a rotina e caso contrário ele vai ficar em casa. Ele disse que não vai mais fazer feiuras porque quer ir pra creche. Encerramos nosso momento com esse combinado. Pedi que guardasse o brinquedo para irmos embora e mãe o ajudou, chamando o filho de amor,

ensinando-o a encaixar as peças corretamente para que a tampa se encaixasse pra fechar o brinquedo.

A partir do relato, percebe-se que a atitude do brincar faz muita falta para esta criança, já que é na família onde acontece a formação dos primeiros valores e laços sociais. Ao negar-se em brincar com a criança o pai esta privando o mesmo de seus direitos, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) art. 2 é direito da criança conviver com a família.

Observa-se assim que K.I.R.A apresenta-se em sua formação de forma característica a falta paterna, o que evidencia aspectos negativos em termos de comportamentos, emocionais, o que pode também estar contribuindo nos aspectos negativos de seu comportamento e até mesmo da aprendizagem. Assim como é possível observar outras ausências familiares, como tio e avó, conforme evidenciado na falta de pensamentos e abordagens referentes a essas em suas falas, durante a conversa com K.I.R.A.

2.3 E.O.C.A.

A Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA) é feita em vários encontros e tem como objetivo principal apresentar ao aprendente o que vai acontecer, expondo as atividades que serão realizadas e a partir dos questionamentos e dos encontros e diálogos entender e elaborar os pontos vulneráveis do aprendente que o impede de ter sucesso no processo de aprendizado em sala de aula. E em seguida elaborar um relatório para apresentar à família e à escola sobre o diagnóstico encontrado.

De acordo com Weiss (2008) a EOCA deve ser preparada com antecedência, em um local agradável e de preferência onde o aluno se sinta bem. Este é um procedimento de diagnóstico que deve ser flexível, pois deve investigar o aluno nos aspectos Psicogenético/Psicanalítico ou Psicossocial.

Para Bossa (2000) É preciso que o ambiente onde se realizará a EOCA não deve lembrar a escola, por isso é necessário que não haja atividades por imposição, para isso é aconselhável usar materiais que estimulam a curiosidade, brincadeiras diversas e que ao mesmo tempo consiga expor as dificuldades do aluno, no entanto de maneira que este não fique constrangido.

Fernández (1991) coloca também que durante a realização da EOCA é

preciso acontecer a afetividade, ou seja, as condutas emocionais são determinantes para contribuir com o sucesso ou o fracasso do trabalho, por isso quando não há interação entre aprendente (entrevistado) e Psicopedagogo é preciso encaminhar à outro profissional.

Quando chegamos à sala mostrei a caixa para o K.I.R.A. tinha vários materiais dentro e alguns fora. Disponibilizei lápis de cor, giz de cera, lápis de escrever, borracha, apontador, papel branco e colorido, massinha, tinta de cores variadas, pincel, tesoura, revistas, cola, alfabeto móvel. Ele observou todos os materiais e nomeou todos, percebeu que tinha um giz de cera quebrado e um pote de massinha que também estava danificado. Quando perguntei se ele sabia porque estava ali comigo disse que era porque tinha teimado. Pede-se que me mostrasse o que sabia fazer, o que tinha aprendido, e ele perguntou se podia pegar a massinha, eu disse que sim, ele fez bolinha e cobra com a massinha azul, me ensinou a fazer e disse ainda que tem que ser no chão, então sentamos no chão. Perguntou se podia pegar a outra massinha e separou dois pedaços um pra fazer bola e outro para fazer a cobra. Abriu a massinha com a boca porque estava difícil, mas em nenhum momento pediu ajuda, a massinha não queria sair do pote e ele puxou com a mão até conseguir. A massinha azul tinha um pedaço duro, e ele ficou feliz quando conseguiu tirar esse pedaço e deixou de lado, não servia para brincar, usou a tampa do pote para modelar a massinha e disse que fez uma bola. K.I.R.A. perguntou porque não tinha massinha amarela, perguntei porque, e ele disse que gosta de rosa, azul e amarelo. Quando fez a cobra de massinha, disse que não sabia fazer os olhos, nem a boca, e ainda falou que a barriga fica embaixo, depois de um tempo fez os olhos com a massinha azul e os colocou na posição correta.

K.I.R.A. viu as folhas e quis desenhar, disse que o que mais gosta de fazer na creche é desenhar, e que não gosta de escrever, guardou a massinha fazendo duas bolas, ia deixar fora da caixa, perguntei onde coloca, ele ia colocando mas resolveu deixar de fora da caixa. Abriu a caixa de tinta, pincel e papel, pegou a tinta laranja, em seguida trocou pela preta, fez um quadrado todo preto e disse que era uma caixa onde as pessoas que atiram na polícia ficam presas, a cadeia. Sujou os dedos e limpou no chão, guardou a tinta preta e pegou uma amarela, usou o mesmo pincel e fez dois quadrados juntos, mas não soube dizer o que era, guardou essa tinta e pegou uma marrom, para pintar dentro das figuras. Eu disse que quando ele terminasse com a tinta marrom íamos encerrar e guardar tudo, ele insistiu em

pegar outra, eu disse que não e ele pegou a tinta laranja, sujou os dedos e limpou na caixa. Quando ele terminou, disse, pronto. Perguntei o que fazemos agora e ele respondeu, voltamos pra sala, insisti questionando, e antes de voltar pra sala o que vamos fazer, e ele respondeu que não sabia, então disse que devia guardar tudo na caixa. Com a caixa de tinta em mãos, ele disse que tinha esquecido de fazer uma coisa pegou a tinta azul, e eu disse que tínhamos combinado que estávamos encerrando, ele disse que faltou desenhar o gato, eu disse que não podia mais, outro dia ele faria o gato, então foi guardando tudo na caixa, reclamando que nem usou tudo e nem brincou com o alfabeto móvel. Guardou algumas coisas com cuidado e outras foi jogando, a caixa ficou toda desorganizada.

De acordo com Montessori (1964) é muito importante o trabalho educativo com as crianças, já que pressupõe a compreensão das coisas a partir delas mesmas, isso se dá através dos estímulos propostos a elas com o objetivo de desenvolvê-las, pois um impulso interior manifesta-se no trabalho espontâneo do intelecto. Se a mãe não estimula a criança e ela não se sente protegida, com certeza apresentará um comportamento considerado fora dos padrões sociais.

2.4 PROVAS DE PIAGET (Pedagógicas, Operatórias, Projetivas, Psicomotoras)

As provas que o aprendente é submetido servem para observar a sua reação, organização, apropriação, imaginação, criatividade, preparação, entre outras de acordo com as regras utilizadas observa-se as respostas se são lógicas ou não.

Segundo Weiss (2008, p. 105-107): “[...] As provas Operatórias tem como objetivo principal determinar o grau de aquisição de algumas noções-chave do desenvolvimento cognitivo, detectando o nível de pensamento alcançado pela criança”.

O que Weiss quis nos dizer é que essas provas avaliam a interação que o aprendente tem com o meio, ou seja, elas mostram o nível cognitivo alcançado pela criança ao realizar cada prova.

De acordo com Weiss (2008, p.123):

As provas projetivas psicopedagógicas estão mais ligadas ao “olhar psicopedagógico” do terapeuta do que propriamente á proposta feita. Algumas propostas são de situações nitidamente escolares, outras ligadas á família, á vida em geral, mas sempre buscando o viés da aprendizagem. O importante é considerar a ideia básica de que a aprendizagem é

subjetivante, permitindo ao homem tornar-se sujeito e ao mesmo tempo garantindo-lhe a sobrevivência, numa relação objetivante.

Nas provas psicomotoras a relação do aluno com a aprendizagem é muito significativa, tendo em vista que a psicomotricidade ajuda a criança a conhecer o mundo em todas as suas dimensões, ou seja, através de seu corpo, de suas percepções e sensações.

A falta de vinculação afetiva familiar impede que a criança mobilize certo nível de pulsão para a aprendizagem, faltando-lhe o desejo de penetrar no mundo das ideias, restando-lhe o medo frente a situação de conhecimento, impedindo uma vinculação afetiva com o mesmo (VISCA, 1987 apud WEISS, 2008, p. 80).

Foram entregue ao aluno K.I.R.A. folha de chamex A4, lápis, borracha, lápis de cor, canetinha, giz de cera é solicitado que desenhasse momentos do seu dia após avaliação, pode-se notar o excesso de pressão no lápis e o uso excessivo da borracha o que indica um estado de rigidez, insegurança o que dificulta a aquisição de novos padrões de comportamento.

Ao desenhar a criança transporta para o papel seu estado animo em todos os detalhes. Reflete seu mundo físico e psíquico suas relações mais fortes desejadas e indesejadas fatos do passado e presente e podem nos apontar direções futuras. Como afirma Greig (2004, p.15) que “a criança é o elemento central da proposição: seu desenho é apenas uma forma particular da emergência da linguagem, um reflexo de seu crescimento psíquico.” E é por isso que os desenhos de K.I.R.A. permitem incrementar consideravelmente dados sobre o seu temperamento, caráter, personalidade, necessidades, sonhos, problemas vinculares seja escolar, emocional, afetivo e cognitivo.

Quando entramos na sala foi explicado ao K.I.R.A. o que eu queria que ele fizesse. Entreguei giz de cera e papel, primeiro ele começou a separar todos os gizes de cera por cor, em ordem, separou todos e contou.

Depois, pegou o giz e disse que ia escrever seu nome, assim fez de maneira desordenada. Começou então a desenhar e falar fez uma casa e disse que era sua onde mora com a mãe, fez janelas, porta e chão, além do guarda roupa e da cama, que ficam no quarto da mãe, depois fez a cama do irmão e a geladeira. Insisti para que me falasse sobre o seu dia, o que ele faz, mas não quis falar, dizia sempre

que não queria falar apenas desenhar. Desenhou uma flor, que é da mãe, disse que a mãe comprou e ele gosta de enterrar a flor para não murchar. Utilizou toda a folha para desenhar. Foi questionado mais uma vez sobre seu dia e ele não quis falar, disse que precisava fazer mais letras no seu nome e que precisava da ficha nominal, então disse a ele que se me contasse sobre seu dia eu pegaria a ficha nominal.

Então começou a falar que dorme e acorda atrasado, passeia com a mãe na hora do almoço. Dorme para ir para avó com a mãe dele, na avó ele brinca com o irmão, disse que não faz mais nada. Foi questionado se assistiu TV, disse que sim, de noite na cama da mãe, nessa hora ela também está na cama assistindo desenho com ele. Só come na hora de dormir.

Questiona-se o que ele faz quando tem sol, ele disse que nada, já tinha falado e quando tem lua ele dorme. Disse que o dia dele era só isso, só isso ele iria falar. Sempre muito inquieto.

Sugerido a K.I.R.A. acompanhamento de um psicopedagogo para conseguir identificar onde se originaram as fraturas do seu processo de aprendizagem.

Sugiro também o acompanhamento com um psicólogo para os problemas afetivos, por se mostrar com sentimentos de carência, ausência do pai, do irmão, medo e insegurança.

Foi possível através deste trabalho compreender a atuação psicopedagógica clínica, a importância dos instrumentos utilizados pelo psicopedagogo, o desenvolvimento de técnicas remediativas, a orientação de pais e professores, a participação da dinâmica das relações educativa a fim de favorecer o processo de integração e troca, e o estabelecimento de contato com outros profissionais. Assim fica compreendida a importância do profissional da psicopedagogia clínica, sendo este um mediador em todo o processo de ensino-aprendizagem, indo além da simples junção dos conhecimentos da psicologia e da pedagogia.

2.4.1 Relatório: Desenho da família

Quando chegamos à sala expliquei o que ele iria fazer, desenhar uma família, ele começou desenhando e depois foi dando nomes aos membros da família, ele nitidamente desenhou sua família, eu insistia que era uma família

qualquer e ele insistia que era sua família. Disponibilizei canetinha, giz de cera e lápis de cor. O K.I.R.A. primeiramente desenhou a avó, usando canetinha marrom e os braços roxo, ele tem noção de corpo, desenhou as partes no lugar certo. Depois de cor de rosa fez o filho. A avó apenas com os olhos sem boca e nariz, e o filho com rosto completo. Fez o pai utilizando canetinha laranja e com o rosto completo. Fez o vô de amarelo, também com o rosto completo. De azul fez a outra vó. De verde o vô e a tia de cor da pele. Desenhou a si mesmo de azul e o irmão de marrom.

Durante o desenho fomos conversando e ele narrou que o pai bate no filho quando ele teima, quando derruba as cadeiras e faz isso porque não gosta de ninguém porque todos brigam com ele. Não desenhou a mãe. Ele disse que o filho não quer parar de teimar, ele gosta. Durante a sessão não ficou quieto, rolava no chão o tempo todo, tinha que ficar o chamando pra me dar atenção. Segundo ele o filho gosta de brincar sozinho porque não gosta de ninguém.

Em momento algum falou da mãe dessa família. Segundo K.I.R.A. na escola o filho fica bonitinho, ele não teima, só em casa que desobedece. O filho prefere ficar na creche e não em casa.

Nesse momento falou sobre a mãe, gosta mais do pai porque a mãe bate. O pai e a mãe brigam porque gostam de brigar, o pai bate na mãe e vice versa. Essa família segundo ele mora todos juntos.

2.4.2 Relatório: Meus *compleãnos*

Quando entramos na sala o aluno K.I.R.A. sentou no chão e abriu todas as vasilhas que eu tinha levado, e sua primeira observação foi: “Oba! tem giz de cera perto”.

Começou desenhando uma casa, disse que fez o telhado errado e queria apagar, eu questionei se tem como apagar giz de cera e ele disse que não, perguntei o que iria fazer então, ele ficou um tempão pensando e fez por cima, deixou o papel e ficou emburrado.

Sugeri que virasse a folha e começasse novamente, assim ele fez, começou de novo. Desenhou uma casa com duas janelas, toda preta a casa. Emburrou novamente, segundo ele fez o telhado errado, eu disse que estava lindo e ele disse que não achou bonito, continuou emburrado, sem querer continuar

desenhando. Para que continuássemos a sessão perguntei se queria outra folha e ele disse que sim, entreguei a ele uma nova folha para que continuasse o desenho. Pediu ajuda para fazer o telhado eu disse que ele que tinha que fazer pois o desenho era dele, ele insistiu que não conseguia, então eu disse para fazer o restante e deixasse o telhado por último, ele concordou, fez a casa, dentro dela desenhou uma mesa com um bolo de uva e balões. Segundo o aluno K.I.R.A. estavam no aniversário a mãe, as avós, o pai os avôs, a tia Vanusa e o tio Ricardo. Estava fazendo quatro anos, o tempo todo durante a sessão estava inquieto. A mãe quem fez o aniversário frisou “só minha mãe”. Pedia todo tempo para que eu desenhasse o telhado para ele. O aniversário foi na casa dele e da mãe. Não tinha amigos no aniversário. Ele gostou do aniversário porque tinha bolo e balão.

Todo desenho foi feito com giz de cera preto. Parou de desenhar e sentou de costas para mim, continuou conversando comigo de costas.

Deixou a casa sem telhado porque insistiu que não dava conta, finalizou desenhando a porta.

2.4.3 Relatório: Brincando com a família

Fomos pra sala realizar o teste, quando chegamos nos sentamos no chão para que o K.I.R.A. ficasse mais a vontade para brincar com a família terapêutica. Quando comecei a mostrar a ele a família ele logo perguntou pelo filho.

Começou brincando com o pai e perguntou pela avó. – Cadê a vó? Não tem vó? Eu disse que essa família só tem pais e filhos.

Brincou bastante tempo com o pai, sem falar nada. Queria que os bonecos ficassem de pé, mas não conseguia.

Brincou com os dois filhos um pouco sem falar nada e voltou a brincar com o pai, disse que ele não faz nada porque não dá conta.

Brincando com o pai ele disse que a mãe estava fazendo comida, macarrão. Questionei o que mais a mãe faz de gostoso para os filhos, ele disse que ela faz arroz e feijão, disse ainda que queria desenhar uma casa e feijão.

“Os filhos estão brincando de massinha que a mãe comprou, estão fazendo cobra, eles gostam de fazer cobra. A mãe leva os filhos pra pracinha, mas não brinca com eles. A mãe não briga com os filhos, porque são bonzinhos”.

Ele queria desenhar, perguntei o que gosta de desenhar, me disse que

gosta fazer casa, família, janela e bolo.

Enquanto brincava com a mãe disse que era feia, queria trocá-la, perguntei se podemos trocar de mãe e ele disse que sim.

Começou a brincar com a mãe e reparou tudo nela, cabelo, sapato, roupa e até a “xuxinha” que estava no cabelo. Levantou a saia e disse que estava vendo “o bumbum e a perereca” dela. Questionei se filho pode ver essas coisas da mãe ou do pai, e ele disse que não.

Passou a maior parte do tempo brincando com o pai e em silêncio.

Organizou a família como se estivessem deitados em uma cama, o pai, filho, a mãe e outro filho. Após esse momento, não quis brincar mais e por conta própria guardou a família, disse que estava cansado e queria deitar para descansar.

2.4.4 Relatório: Brincando com o alfabeto

Quando chegamos à sala ele foi logo identificando sua letra no alfabeto que tem na sala, depois observou outras letras que tem em seu nome. Ele identifica as letras que constam em seu nome, mas diz que todas são suas letras, como se todas fossem a inicial do seu nome. Sentamos na mesa e coloquei o alfabeto no centro da mesa junto com a sua ficha nominal. Ele tentou montar seu nome, mas não conseguiu. Ele conseguiu reconhecer as letras: A, B, M, N, K, Y, C.

Entre o alfabeto móvel tinha alguns modelos diferentes, e ele conseguiu distinguir. Durante toda a sessão não ficou sentado, apenas de pé. Com a ficha nominal ele tentou formar seu nome, foi colocando as letras embaixo da ficha, começou juntando todas as letras que formam seu nome desordenadamente. Quando perguntado se sabia qual a letra do nome da mamãe ele não soube responder, mas me disse o nome dela e perguntou qual a letra, eu disse que era a letra R e ele separou então todas as letras R e conseguiu contá-las, tinham sete. Em seguida fez a mesma coisa com a letra do pai, M, tinham quatro.

Perguntei ao aluno K.I.R.A. onde aprendeu as letras, ele disse que a mãe o ensinou. Identificou a letra H como sendo de uma amiga que o nome começa com essa letra. Depois de um tempo ele se cansou e resolveu fazer uma casa com as peças.

Encerramos e ele guardou todas as letras.

2.5 REALISMO NOMINAL

Durante o teste aplicado ao aluno foi respeitado o seu nível de conhecimento em relação à escrita e ao desenho por isso foi realizada em um ambiente espontâneo onde a criança se sentiu a vontade para responder as perguntas.

Dando início ao teste foi pedido a criança para que a mesma falasse uma palavra grande e uma pequena, justificando o porquê de cada uma, a mesma demorou um pouco para assimilar a pergunta, e demorou a responder, disse que não sabia, insisti com ele até que disse camiseta e carro, mas não soube justificar o porque de camiseta ser uma palavra grande e carro uma palavra pequena.

Perguntei qual a maior palavra aranha ou boi, ele disse aranha, que a palavra aranha é maior, tem mais letras. Agora qual palavra é menor, trem ou telefone, disse que a palavra telefone é menor, perguntado por que, ele disse por que é.

Diga uma palavra parecida com bola e justifique o porque, ele fez um círculo no ar com o dedo indicador, e não soube dizer uma palavra parecida com bola.

Depois pedi uma palavra parecida com cadeira e que novamente justificasse o porque, ele disse sentar, porque a cadeira é para sentar. K.I.R.A. as palavras bala e baleia são parecidas? Por que? A baleia serve pra ficar na água e a bala é de comer. Nesse momento ele disse que estava chato e queria brincar. Continuando nosso teste, mostrei as cartelas com as palavras mesa e cadeira, pedi que me falasse onde estava escrito cadeira e o porque, na palavra mesa ele disse que estava escrito cadeira, porque cadeira é pequena, é de sentar.

Com as cartelas bode, bola e cabra, pedi que me falasse qual era a palavra parecida com a palavra bode, ele disse que era bola, porque é de brincar. Com as cartelas pé e dedo, me mostre onde está escrito pé e onde está escrito dedo, justifique, acertou a palavra pé e disse que o pé é pequeno, quando perguntei onde estava escrito dedo, ele disse em cima do pé. Entreguei uma folha e lápis para escrever o que eu iria solicitar, ele disse que queria escrever com giz de cera, pedi que escrever barata e onça como soubesse, e depois me mostrasse onde estava escrito cada palavra.

Na parte inferior da folha de trás pra frente ele fez várias “As”, a palavra onça em cima e barata embaixo, na barata teve até uma letra T, mas as outras letras eram todas “AS”.

De acordo com Carraher (1981, p.3) “[...] a criança deve ser capaz de focalizar o que está sendo graficamente representado – o significante verbal – para poder entender uma escrita alfabética”.

O realismo nominal é um teste que visa à base cognitiva para aquisição da leitura envolvendo um sistema de escrita alfabético.

As crianças que confundem (não superam o realismo nominal) ou não focalizam o que está sendo representado, apresentam dificuldades na aquisição da leitura.

No caso durante a realização da verificação da superação ou não do realismo nominal, se mostrou fora de sua realidade 4 anos. Quando solicitei que me falasse uma palavra grande, ele disse: “A”. Então perguntei por que ele achava que “A” era uma palavra grande, ele disse: - Porque fica maior. Ao perguntar qual palavra era menor, trem ou telefone, ele respondeu: - Trem, porque o trem anda.

Percebi então, que o aprendente em estudo não supera o realismo nominal, pois não relaciona (compreende) a leitura com o simbólico.

2.6 NOÇÃO DE ESPAÇO

Levando em conta que é por volta dos seis aos oito anos de idade que a lateralidade se manifesta, foi feito um teste simples com o K.I.R.A. para saber se ele tem alguma noção espacial. Na sala onde realizamos nossos testes tem alguns livros de história, fui perguntando se os livros estavam em cima ou embaixo, perto ou longe, dentro ou fora e outras perguntas. Ele apresentou certa noção, conseguiu perceber o livro que estava longe e o que estava perto, assim como o livro que estava em cima e o outro que estava embaixo, observou também o livro que estava dentro e fora da caixa, sabe reconhecer o que é muito e pouco. Através do desenho do par educativo, pode-se perceber que ele sabe exatamente a sequência dos membros do corpo. Em relação ao dia e noite ele teve dificuldades, mostrei uma imagem do sol e ele acertou, quando mostrei a lua, disse que era o sol no escuro.

O estudo de caso demonstra que não há uma relação causa-efeito sobre os fatores que causam obstáculos a aprendizagem, mas, sim, há um contexto que

envolve o ser aprendiz e o “objeto” a ser analisado e compreendido. Na análise do contexto, a aprendizagem e o ensino estão em consonância para a compreensão do processo de cada indivíduo. Ou seja, para cada sujeito haverá um processo singular, permeado por uma aprendizagem individual e social onde as estratégias de ensino estarão em acordo ou desacordo.

A análise e compreensão do contexto referem-se a relação da própria criança com a aprendizagem (vínculo positivo/negativo), a sua modalidade de aprendizagem, a dinâmica da família a qual pertence e a instituição escolar que se encarrega de seu processo de aprendizagem sistematizado.

2.7 PAR EDUCATIVO

Na sala apresentei os materiais ao K.I.R.A. e pede-se que desenhasse duas pessoas, uma que ensina e outra que aprende. Primeiramente ele separou todos os gizes de cera por cor. Em seguida pegou a folha e o giz laranja, desenhou uma pessoa com cabeça e corpo em círculos, os braços e pernas palito, o rosto estava completo, mas a pessoa estava sem cabelo. Fez outra pessoa do mesmo modelo da anterior, só que dessa vez com giz de cera preto. Os desenhos foram feitos no centro da folha. Quando terminou perguntou se podia guardar o giz de cera e eu disse que sim. Quando perguntei sobre os desenhos ele disse que “o laranja” era a professora e “o preto” o aluno, estão na sala brincando com brinquedos e a professora fazendo nada.

O K.I.R.A. é muito inquieto, disperso, ele não gosta de realizar os testes, sempre tem que ser chamado à atenção para prestar atenção no teste.

Eu disse para que ele desse um nome ao desenho, ele disse: Professora e menino. Questionado se o menino gosta de ir para a escola ele disse sim, gosta porque gosta. Nesse momento o K.I.R.A. começou a girar a cabeça sem parar, se levantou e chutou o sapato para cima, queria rasgar o desenho. Não quis fazer mais nada e responder nada, disse que estava cansado e queria brincar.

O desenho não condiz com a idade de K.I.R.A. sem muitos detalhes, um boneco palito sem cabelo. Demonstrou falta de interesse ao realizar as atividades, fez rapidamente porque queria brincar.

2.8 CAIXA LÚDICA

Hoje o teste demorou um pouco mais, mas, foi difícil como os outros. Chegando à sala eu mostrei a caixa lúdica para o K.I.R.A. e disse o que iríamos fazer, ele poderia escolher o que quisesse para começarmos, olhou tudo e pegou a massinha. Sentou no chão e tirou toda a massinha do pote, fez uma grande bola utilizando tudo. Ele disse que gosta de brincar com o irmão de bola e com os brinquedos, eles brincam em casa. Disse que mora com a mãe e seu irmão com a avó dele, se referiu a avó como se fosse apenas do irmão. Às vezes seu irmão vai pra sua casa e na hora de ir embora ele chora porque não quer ir, ele gosta de ficar com a mãe, mas tem que ir porque não mora lá.

Disse que B. brinca sozinho na casa da sua vó, não sabe porque o K.I.R.A. não mora lá também. Pegou outro pote de massinha, agora, rosa, amassou a azul e fez uma bola com a rosa. Levantou-se para olhar outras coisas da caixa, mexeu em tudo, mas voltou a brincar com as massinhas. Sempre quando questionado sobre o que está fazendo com a massinha ele diz que não sabe. Com a massinha rosa fez a letra "T", disse que aprendeu sozinho, quando questionado porque fez essa letra disse, porque quero. Guardou a massinha e pegou a caixa com os blocos coloridos, derrubou tudo no chão e começou a encaixar na tampa um a um, quando questionado o que está fazendo disse que estava montando, sempre cantando e inquieto.

Insistiu-se perguntando o que ele estava fazendo, para me dar um nome do que era aquilo, ele de forma mal educada, respondeu que estava fazendo nada, apenas brincando, aquilo era peças de montar o nome. Disse que ia guardar porque não queria brincar mais, sozinho ele se levantou e guardou tudo dentro da caixa e a fechou. Peguei algumas fichas e livros na caixa, mostrei ao K.I.R.A. alguns cartões desenhos, com letras e com desenhos e letras, perguntei se todos serviam para ler, qual, porque, ele respondeu que não sabe ler. Entregou-se a ele um livro com gravuras e letras, questionado se é possível ler todas as páginas, se alguma pode ler e outras não, ele disse não sabe, não sabe de nada. O K.I.R.A. ainda não consegue diferenciar letra e numerais, não tem noção de pontuação e nem de direção de escrita.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Estudar a fisiologia da aprendizagem não foi algo muito valorizado, esse estudo surgiu após várias tentativas de inserir o aluno com dificuldade num ambiente igual para todos e usar recursos únicos para que ele aprendesse da mesma maneira de seus colegas. Um aspecto importantíssimo para a efetivação dos estudos da aprendizagem e do processo como ela se dava, foram as considerações neurais envolvidas.

O aprender exige algumas funções básicas que devem estar presentes quando oportunidades de aprender são ofertadas, a dificuldade de aprendizagem muitas vezes chega sem explicação, cabe ao professor observar seu aluno e tentar entender o motivo da causa, ou seja, o professor observador poderá detectar se a dificuldade está envolvida pelo método de ensino ou por algum outro problema, seja ele de fator biológico, familiar ou até mesmo cultural (CIASCA, 2003).

As definições conceituais não amenizam a situação da criança que não aprende por ter algum problema pedagógico relacionado à falta de adaptação ou método de ensino, a revista Sinpro publicou em 2009 que de 5 a 7% da população mundial sofre com problemas relacionados à aprendizagem. Dislexia, Discalculia, Disgrafia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Autismo, Hiperatividade entre outras são problemas que impedem o desenvolvimento de pessoas capazes e com grande potencial.

Para entender o que é realmente a dificuldade de aprendizagem é preciso antes, entender os pressupostos sobre a aprendizagem, segundo Tomasello (2003, p.5) “O incrível conjunto de habilidades cognitivas e de produtos manifestado pelos homens modernos é o resultado de algum tipo de modo ou modos de transmissão cultural únicos da espécie”. Acredita-se na transmissão da cultura de geração a geração, isso é nítido na espécie humana. Por isso é necessário que os homens tenham atitudes criativas sobre as invenções já existentes e a mais bela invenção que permeia há séculos é o ato de ensinar.

Considera-se que há basicamente três formas de ensinar ou mediar o conhecimento. São elas: por imitação, o indivíduo realiza a atividade a partir da observação de alguém; por instrução, o indivíduo é orientado por outra pessoa a

adquirir o conhecimento e finalmente por colaboração, nesse caso o exercício de aprender se dá de maneira participativa, favorecendo ao aprendiz a oportunidade de errar e fazer novamente.

Se o ato de aprender é sempre mediado por alguém, então todas as aprendizagens se devem à capacidade de cada ser humano compreender o seu semelhante como um ser igual a ele, com capacidade mental e intencional idênticas.

Essa compreensão dos outros como seres tão intencionais como si mesmos é crucial na aprendizagem cultural humana, porque os artefatos culturais e a prática social – prototipicamente exemplificados pelo uso de ferramentas e de símbolos linguísticos – apontam, invariavelmente, para além deles mesmos (...). As ferramentas apontam para os problemas que elas foram feitas para resolver, e símbolos linguísticos apontam para as situações comunicativas que eles se destinam a representar. Portanto, para aprender socialmente o uso convencional de uma ferramenta ou de um símbolo, as crianças têm de chegar a entender por que, para que fim exterior, a outra pessoa está usando a ferramenta ou o símbolo; ou seja, têm de chegar a entender o significado intencional do uso da ferramenta ou prática simbólica – “para que” serve o que “nós”, os usuários dessa ferramenta ou desse símbolo, fazemos com ela ou ele (TOMASELLO, 2003, p. 7).

Para a abordagem Psicopedagógica há necessidade de mostrar as dificuldades de aprendizagem, pois considera que elas levam ao fracasso escolar e isso não depende de uma única causa, apenas conhecê-las não será o bastante para resolver a questão.

[...] como arte do aprofundamento, com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo, da particularidade e da complexidade do real. Precisamente porque este intento é complexo, a interdisciplinaridade leva a reconhecer que é melhor quando praticada em grupo, somando qualitativamente as especialidades (DEMO, 1997, p. 97-98).

Os múltiplos olhares da interdisciplinaridade não são suficientes para atender cada indivíduo com dificuldade de aprendizagem é bom que tenha boas relações dialógicas, escuta atenta e afetividade.

De acordo com Paín (1989), o sujeito é integral e integralizado em seu ambiente, ou seja, o processo de aprendizagem coincide com um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito, o que implica na contribuição teórica do materialismo histórico, da epistemologia genética de Piaget e da psicanálise freudiana e que dizem respeito, à ideologia, à operatividade e ao inconsciente, respectivamente.

A mesma autora ainda considera que a não aprendizagem não é o

reverso ou o oposto da aprendizagem e sim um processo diferente. A dificuldade para aprender é um sintoma com uma função positiva tão integrativa como a do aprender e que pode ser determinada por: fatores orgânicos, específicos, psicógenos e ambientais. Fernández (1991, p. 69) afirma que “a partir do estudo da patologia na aprendizagem, começam a serem encontrados os pontos de contato entre as duas teorias que tratam separadamente a inteligência por um lado, e o inconsciente por outro: a teoria de Piaget e a psicanálise.”

A aprendizagem e seus desvios podem compreender uma multiplicidade de fatores que, isoladamente considerados, empobrecem a compreensão das dificuldades e do sofrimento que gera para todos, aprendiz, família e educadores, sabe-se que algumas crianças renunciam ao seu saber e assume modalidades de aprendizagem totalmente diferente dos padrões já estabelecidos e tidos como certos tais atitudes muitas vezes provocam os familiares e até mesmo o professor, a proibição ou o não entendimento do aprendiz que mudou de comportamento pode resultar negativamente em sua capacidade de desenvolver e na autoestima.

3.2 AFETIVIDADE E POSTURA DO PROFESSOR EM SALA DE AULA

A Psicopedagogia originou mostrando uma maneira interativa de atuar e proceder com aqueles que possuem dificuldade, abarcando conhecimentos de diferentes áreas de modo a desenvolver um corpo teórico próprio sobre os problemas na aprendizagem humana, com o objetivo de atuar como especialista integrando o sujeito humano, entre esses sujeitos estão professores e alunos. Entende-se que o lúdico é uma proposta muito interacionista proposta pelos psicopedagogos como meio de oportunizar o equilíbrio entre aprendizes e educadores (ANDRADE, 2002).

De acordo com Luria (1979, p.73) “a grande maioria dos conhecimentos e habilidades do homem se forma por meio da assimilação da experiência de toda a humanidade, acumulada no processo da história social e transmissível no processo de aprendizagem”. Entende-se que para o indivíduo as condições históricas, sociais, culturais são fatores determinantes para adquirir novas habilidades das capacidades afetivas para o seu desenvolvimento cognitivo. Essa afirmação de Luria muda à concepção dos professores, visto que as práticas pedagógicas desenvolvidas em

sala de aula estão diretamente relacionadas com o meio social de cada aluno, onde emoções e afetividade se confundem.

Isso significa dizer que a relação estabelecida entre o ser humano e o mundo nunca é direta, mas sim mediada por vários elementos e o maior mediador do indivíduo com o mundo é o professor. Observa-se dessa forma que a construção do conhecimento ocorre a partir das relações interpessoais.

Wallon (2001) aponta que o papel da afetividade no processo de mediação do professor, é direcionar o olhar para o foco adequado, ou seja, a relação professor/aluno.

Vygotsky (1998, p.77) afirma que “a educação é realizada através da própria experiência do aluno, que é totalmente determinada pelo ambiente; a função do professor se reduz à organização de tal ambiente.”

Entendendo esta relação e o verdadeiro papel do professor é possível entender a necessidade da formação de professores conscientes de suas funções e a importância de investir em formação continuada, a ampliação de pesquisas e conhecimento por parte dos docentes pode resultar em mudanças de paradigmas até então intransponíveis.

Identifica-se que a tarefa do professor não é tão simples, ele precisa ser consciente de seu papel, ou seja, para que suas habilidades cognitivas sobressaiam, sua afetividade e o meio social que o cerca deve proporcionar a ele condições de desenvolver seu trabalho com sucesso.

É impossível ignorar a produção de conhecimento vinda dos professores, no entanto, percebe-se o que no espaço escolar esse conhecimento é às vezes, confundido as abordagens tradicionais educacionais ainda o enxergam como transmissores de conteúdos, como se os mesmos já os tivessem prontos para serem repetidos.

Freire (1996) refere-se ao cotidiano escolar como uma esfera de formação repleta de sentido, onde forma-se em meio a situações práticas, sem receitas prontas, pressupõe-se o fortalecimento de competências construtoras de identidade marcante, reflexiva e emancipatória.

É preciso acreditar nos professores reconhecendo seus estilos de aprendizagem, pois o ensinar repercute no aprender, e este é um diálogo entre o saber e o conhecer, há uma relação simpática entre quem aprende e quem ensina, já que todo ser que ensina também aprende.

3.3 A ATUAÇÃO DO PSICOPEDAGOGO

O movimento da Psicopedagogia no Brasil é marcado inicialmente por um enfoque clínico, devido o número de crianças que apresentava dificuldade de aprendizagem e da inabilidade escolar em solucionar tais problemas. A partir do momento em que os estudos das causas e do tratamento das dificuldades de aprendizagem se efetivaram, a constituição do Psicopedagogo concretizou-se, pois era necessário um profissional que fosse além da sala de aula para mediar e instruir o aprendizado correto dessas crianças.

A reflexão psicopedagógica ampliou as abordagens e atuações sobre diagnósticos e interferências a aprendizagem à luz do desenvolvimento da criança, contando principalmente com as contribuições oferecidas pela epistemologia genética e psicologia do desenvolvimento afetivo (FAGALI DO VALE, 1993, p. 9).

Ainda concordando com a mesma autora acima, verifica-se que há atualmente a Psicopedagogia busca reintegrar ao processo de construção de conhecimento de um jovem ou criança que tem dificuldade de aprendizagem refletindo comportamento e desenvolvendo projetos educativos para enriquecer os procedimentos de sala de aula.

Os coordenadores de cursos preparatórios para Psicopedagogos preocupam-se com a qualidade de suas formações, já que a Psicopedagogia é extremamente importante no processo de ensino aprendizagem (VISCA, 1998).

Entende-se que muitas vezes a Escola acaba produzindo dificuldades de aprendizagem em seus alunos devido aos obstáculos encontrados durante a execução de um currículo obrigatório. Nesse momento a intervenção do Psicopedagogo Institucional se torna fundamental, ele é quem vai compreender e solucionar a complexidade encontrada pelo professor através de recursos individuais (ESCOTT, 2004).

Segundo Scoz (1994), a escola é o produto da sociedade em que o sujeito vive e participa, por isso o trabalho psicopedagógico precisou ser pensado a partir da instituição escolar, pois sabe que ela deve cumprir o papel fundamental de socializar os conhecimentos disponíveis promovendo o desenvolvimento cognitivo e a construção de regras e condutas, dentro de um projeto social mais amplo, ou seja, a escola ainda é o grande responsável pela aprendizagem do sujeito em formação,

por isso ela precisa estar preparada para formar sujeitos capazes de inserir-se organizadamente no mundo cultural e social.

Considerando a escola como principal participante do processo de aprendizagem que inclui sujeito no mundo sociocultural, ela tornou-se a grande preocupação da Psicopedagogia em sua atitude de ação preventiva, olhando cada sujeito com sua individualidade, considerando história, família e escola como articuladores mútuos na formação do indivíduo.

Dessa forma, o sistema educativo transforma-se num sistema básico e determinante para o desenvolvimento das sociedades modernas, que apóia e complementa a função educativa da família (MONEREO, 2000, p.97).

Grandes foram às mudanças que a escola submeteu-se, os avanços tecnológicos romperam com paradigmas ultrapassados, porém isso não diminuiu o isolamento e o medo de muito alunos que são comprometidos pela dificuldade de aprendizagem, preocupados em promover um ambiente de igualdade a psicopedagogia ocupa um local especial nas instituições escolares, há uma observação minuciosa e uma escuta atenta sem "pré conceitos", assinalada pela imparcialidade, que detecta a real problemática da instituição escolar e esse papel é feito pelos psicopedagogos inseridos dentro das instituições, com olhar atento, eles facilitam o processo de aprendizagem (CÉSARIS, 2001).

Rubinstein (1992) afirma que a Psicopedagogia usa da investigação para detectar a origem da dificuldade de, bem como a compreensão de seu processamento, considerando todas as variáveis que intervêm neste processo, ou seja, o trabalho definido pelo psicopedagogo é a forma de ação e investigação para identificar as possíveis defasagens no processo de aprender.

Considera-se um trabalho minucioso e complexo, analisando todas as variáveis possíveis, desde uma disfunção orgânica ou uma falha no processo de compreensão, que pode estar comprometendo a aprendizagem.

Percebe-se que as necessidades individuais de aprendizagem não podem ser definidas por apenas um fator, ela pode estar na própria criança, no meio familiar ou no ambiente escolar. Ferreira (2002) ressalta isso quando afirma:

Devido à complexidade dos problemas de aprendizagem, a Psicopedagogia se apresenta com um caráter multidisciplinar, que busca conhecimento em diversas outras áreas de conhecimento, além da psicologia e da pedagogia.

É necessário ter noções de lingüística, para explicar como se dá o desenvolvimento da linguagem humana e sobre os processos de aquisição da linguagem oral e escrita. Também de conhecimentos sobre o desenvolvimento neurológico, sobre suas disfunções que acabam dificultando a aprendizagem; de conhecimentos filosóficos e sociológicos, que nos oferece o entendimento sobre a visão de homem, seus relacionamentos a cada momento histórico e sua correspondente concepção de aprendizagem.

Entende-se que a aprendizagem se completa com a relação entre o sujeito, sua historia pessoal e a sua modalidade de aprendizagem. Enfatizando os processos didáticos e metodológicos com todos profissionais nela inseridos.

Segundo Bossa (2000, p. 23):

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter existencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem.

4 SISTEMA DE HIPÓTESES

Aprendente: (iniciais do nome): K.I.R.A

Idade: 05 anos

Aluno (a) (estágio): T. O. de A.

Escola: C.B.S.

Serie: Ensino Infantil

QUADRO 1 - 1º SISTEMA DE HIPÓTESE

DIMENSÃO COGNITIVA	LINHA DE PESQUISA
A evolução de desenvolvimento fica comprometida, retarda o aprendizado.	Epistemologia Genética de Piaget Sujeito epistêmico.

DIMENSÃO AFETIVA	LINHA DE PESQUISA
É necessário saber sobre a evolução Epistemologia Convergente geral da criança, como ocorreu, como o Jorge Visca, o sujeito seu se deu o controle dos esfíncteres, epistemofílico do afeto aquisição de hábitos, aquisição da fala (Freud). alimentação, sono etc., se ocorreram na faixa normal de desenvolvimento ou se houve de defasagens. No caso aqui apresentado fica claro que na criança a falta de vínculos familiares é aparente. Resultando em insegurança, auto-estima Baixa, prejudicando seus hábitos alimentares, sono o qual acarreta um comprometimento no desenvolvimento infantil.	Epistemologia Convergente Jorge Visca (1987) o sujeito epistemofílico do afeto (Freud).

QUADRO 2 - 2º SISTEMA DE HIPÓTESE

DIMENSÃO FUNCIONAL	ANAMNESE
O diagnosticado foi de caráter sintoma, não tem desejo de aprender, devido a sua história de vida	Porque a mãe utilizou de anticoncepcional durante a gravidez, tornando esta complicada e a criança ainda sofreu convulsão com quase dois anos.

DIMENSÃO CULTURAL	ANAMNESE
<p>K.I.R.A. é um menino de cinco anos de idade que estuda atualmente no C.B.S. Seus pais se separaram recentemente e seu irmão mais velho de 6 anos mora com o pai e os avós paternos em outra residência. A separação entre irmãos aconteceu porque o pai não pagava pensão e a mãe não tem condições de manter os filhos, e desde a separação a presença do pai tem se tornado ausente, assim como o irmão mais velho. K.I.R.A. iniciou a frequência na creche este ano (2014), antes porém ficava com uma babá. A partir da segunda semana começou apresentar problemas no comportamento, ele tem dificuldades em obedecer a regras, gosta de fazer as coisas na sua hora do seu jeito.</p>	Dados obtido através da mãe.

QUADRO 3 - 3º SISTEMA DE HIPÓTESE

DIMENSÃO COGNITIVA	DIAGNOSTICO FINAL
E obstáculo epistêmico e limitação do conhecimento pela restrição que o grau ou nível de construção da estrutura cognitiva compõe a apreensão da realidade. Com processo de assimilação e acomodação prejudicado sintomatizando uma modalidade de aprendizagem hiperacomotativo e hipoassimilativo.	K.I.R.A encontra-se no nível de cognição pré-operatório, devido sua idade cronológica deveria estar no período das operações concretas.

DIMENSÃO AFETIVA	DIAGNOSTICO FINAL
Obstáculos epistemofílico que consiste em um impedimento ao amor pelo conhecimento, que pode organizar em três tipos de configurações afetivas: medo e confusão, medo ataque e medo a perda.	Debilidade do vinculo familiar como carências quando o suprimento de suas necessidades básicas no que se diz respeito ao orgânico e psicoafetivo.

DIMENSÃO FUNCIONAL	DIAGNOSTICO FINAL
A capacidade do pensamento para construir uma organização coerente e harmoniosa. E elaborar a emoção, permitindo avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento e oferece a oportunidade de saber como o sujeito ignora.	Apresenta problema de comportamento, dificuldade de obedecer a regras. É preciso entender a instabilidade emocional, medos e as relações desajustadas dentro da família. Resgatar o interesse da criança com problemas de aprendizagem através dos pais e educadores, com cuidado especial, conscientes e compromissados. Os mesmos precisam focalizar o potencial da criança, proporcionando-lhe a oportunidade de desenvolver a sua auto-estima e o prazer de aprender.

DIMENSÃO CULTURAL	DIAGNOSTICO FINAL
É uma criança possui obstáculo epistêmico, pois a limitação de conhecimento	Os problemas comportamentais de K.I.R.A tem haver com aspectos afetivo-relacionais vivenciados e que afetam a construção do conhecimento

5 DISCUSSÃO

5.1 DADOS PESSOAIS

Aprendente: K.I.R.A.

Data de nascimento: 21/03/2009 Idade: 05 ANOS

Escola: C.B.S. Série: Jardim I

5.2 MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO

➤ Queixa da Escola (Professora):

A professora relatou que K.I.R.A iniciou o ano letivo de 2014 de forma satisfatória, não tendo problemas de adaptação, porém a partir da segunda semana começou a apresentar problemas no comportamento, tendo dificuldades em obedecer regras, gostar de fazer as coisas na sua hora do seu jeito.

5.3 TEMPO DE INVESTIGAÇÃO

Período de avaliação:

Número de sessões:

5.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

- Anamnese
- EFES
- EOCA
- Pareja Educativa
- Desenho da Família
- Meus Compleânos
- Brincando com a família
- Brincando com o alfabeto
- Realismo Nominal
- Noção de Espaço
- Quatro Momentos do Meu dia

– Par Educativo

– Caixa Lúdica

5.5 ANÁLISE DOS RESULTADOS NOS ASPECTOS:

Neste trabalho foi abordada a Psicopedagogia como sendo um campo do conhecimento humano essencial para a sociedade da informação dos tempos atuais, que articula saberes e fazeres de forma transdisciplinar e atende aos indivíduos em suas necessidades de educação continuada no espaço lúdico da aprendizagem no qual desejo e conhecido se mesclam em criatividade.

Em seguida o lúdico como ferramenta psicopedagógica, mostrando que dentro de um processo lúdico é permitido a K.I.R.A condições para que ele venha a despertar o interesse e o desejo pela aprendizagem, num contexto que respeite a sua capacidade.

*Aspecto afetivo / emocional:

No aspecto afetivo K.I.R.A. se apresenta como sujeito epistemofílico com medos, conflitos, resolvendo-os a sua maneira; o que prejudica seu desenvolvimento e compromete seu aprendizado.

*Aspecto social/ cultural:

Como K.I.R.A vem de uma família desajustada, devido principalmente ao ocorrido da separação dos pais, do irmão e de alguns membros da família paterna. O não aprender por parte do aluno tem a ver com os aspectos afetivos- relacionais vivenciados que esta ligado a história pessoal e familiar do sujeito aprendente.

*Aspecto corporal:

No que se refere ao aspecto motor, tem dominância lateral esquerda e direita, tem facilidade de manejo dos objetos (tesoura, massinha, colagem). Sua percepção de coordenar e um pouco imatura.

*Aspecto cognitivo pedagógico:

K.I.R.A. apresentou dificuldade de aprendizagem em adquirir conhecimento. Suas atitudes demonstram que o aluno se encontra na modalidade

de hiperacomodativo. Onde, sugere-se um trabalho diferenciado, buscando a melhor forma para que se adquira conhecimento. Porém seu problema de aprendizagem é normal, possibilitando – o a adquirir a aprendizagem necessária de acordo com sua necessidade.

5.6 SÍNTESE DE RESULTADOS – HIPÓTESE DIAGNOSTICA

A 1ª hipótese diagnosticada foi de caráter afetivo/emocional.

A 2ª hipótese diagnosticada foi de caráter sintoma.

A 3ª hipótese diagnosticada foi de caráter cognitivo.

K.I.R.A. é uma criança que apresenta obstáculos epistemofílico que consiste em um impedimento ao amor pelo conhecimento, que pode organizar em três tipos de configurações afetivas: medo e confusão, medo ao ataque e medo a perda. E obstáculo epistêmico e limitação do conhecimento pela restrição que o grau ou nível de construção da estrutura cognitiva compõe a apreensão da realidade. Com processo de assimilação e acomodação prejudicado sintomatizando uma modalidade de aprendizagem hiperacomodativo e hipoassimilativo.

5.7 RECOMENDAÇÕES E INDICAÇÕES

A partir dos dados analisados chega-se á conclusão que K.I.R.A pode desencadear problemas de comportamento, e possivelmente também de aprendizagem. A família tem colaborado significativamente para agravar esse quadro, não lhe dando estabilidade emocional, havendo uma permissividade, omissão de cuidados que a família detem. A partir desta conclusão encaminho K.I.R.A para atendimento:

Psicopedagogo – Acredita-se que o resgate da criança com problemas de aprendizagem merece, por parte dos pais e educadores, um cuidado especial, conscientes e compromissados. Os mesmo precisam focalizar o potencial da criança, proporcionando-lhe a oportunidade de desenvolver a sua auto- estima e o prazer de aprender.

Psicóloga - o emocional e afetividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na escola que a criança, geralmente tem o primeiro contato próprio para se submeter a uma avaliação emocional, já que é o espaço social relativo fechado, onde ele é estimulado a viver com outros grupos buscando o crescimento social e individual.

Nesse momento muitas vezes é identificado os problemas emocionais e a atitude do professor é fundamental para detecção de tais problemas, bem como na resolução dos mesmos. Para entender melhor é preciso conceituar o ser humano como um ser biopsicossocial. O termo foi definido pela Organização Mundial de Saúde, e isso significa dizer que os seres humanos são compostos por aspectos biológicos, sociais e psicológicos que se relacionam dependendo um do outro, sendo que é necessário, por exemplo, observar interferências psicológicas que afetam o desenvolvimento social de um indivíduo e assim sucessivamente.

Nesse caso, fica bem nítido o pensamento de que a criança que apresenta transtorno emocional tem ou pode ter dificuldade de aprendizagem, daí entende-se que o professor afetivo que emociona o aluno para a construção do conhecimento tem maior probabilidade de conquistar o mesmo em benefício à sua formação social e individual. Como já disse o Piaget (1975). “É incontestável que o afeto desempenhe um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e conseqüentemente perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência.” (PIAGET, 1975 p. 23).

Então uma criança motivada emocionalmente, busca conhecer e questionar aquilo que o interessa, ou aquilo que lhe é proposto, no entanto é necessário lidar com a possibilidade de que a própria aprendizagem interfere na autoestima e gera no aluno desconforto, é nítida, ainda a enorme influência da família dos alunos em sua aprendizagem, visto que a forma como esta participa da vida escolar de seus filhos suscita emoções semelhantes, ou seja, os pais não são participativos, deixando a responsabilidade do aprendizado somente para a escola, a professora relatou que eles não perguntam ou comparecem nas reuniões e falam que os filhos tem preguiça.

A preparação da criança para a escola passa pelo desenvolvimento de

competências emocionais, já disseram Faria e De Paula (2010). Inteligência emocional é adquirida com confiança, curiosidade, intencionalidade, capacidade e autocontrole, isso é determinado a partir de um relacionamento maduro com pais e professores, além de uma boa comunicação. No Livro Professora Sim, Tia Não (1997) de Paulo Freire ele relata a importância do afeto na construção do conhecimento, ou seja, diz que é importante o professor ter autocontrole, domínio sobre o que ensina e principalmente não expor seus medos e frustrações.

REFERÊNCIAS

- ABPp - **Associação Brasileira de Psicopedagogia**. www.abpp.com.br
- ANDRADE, Márcia Siqueira (organizadora). **O prazer da autoria** Lv.3, São Paulo: Memnon, 2002.
- BOSSA, N.A. **Fundamentos da psicopedagogia** - A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
- CAMPOS, M.C.M. A prática psicopedagógica do jogo e sua dupla função: aprender a aprender e aprender a ensinar. In AMARAL, S. et al. (orgs.), **Psicopedagogia: um portal para a inserção social**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CARRAHER, Terezinha Nunes. O realismo nominal como obstáculo na aprendizagem da leitura. UFPE. **Cadernos de pesquisa**. (39); 3 nov, 1981.
- CÉSARIS, Delia Maria de. **O Psicopedagogo nas Instituições**. Hoje. Disponível em: <www.psicopedagogiaonline.com.br>. Acesso em: 27 set 2014.
- CIASCA, S.M. **Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar**, São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 2003.
- DEMO, P. **Conhecimento moderno**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- ESCOTT, C.M. **Interfaces entre a psicopedagogia clínica e institucional: um olhar e uma escuta na ação preventiva das dificuldades de aprendizagem**. Novo Hamburgo, R.S: Feevale, 2004.
- FAGALI, E.Q.; VALE, Z.D.R. **Psicopedagogia Institucional aplicada: aprendizagem escolar dinâmica e construção na sala de aula**. 8. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.
- FERNÁNDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada - abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. 2ª reed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1991.
- FERREIRA, Renata Tereza da Silva. **A importância da psicopedagogia no ensino fundamental - 1ª a 4ªséries**. Disponível em:<www.psicopedagogiaonline.com.br> Acesso em: 13 set 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 20 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Professora SIM tia NÃO: Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, ed. Olho d'Água, 1997.
- GREIG, Philippe. **A criança e seu desenho: o nascimento da arte e da escritura**. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artemed, 2004.

- LEAL, D; NOGUEIRA, M. O. G. **Dificuldade de aprendizagem**: um olhar psicopedagógico. Curitiba: IBPEX, 2011.
- LURIA, A. B. A atividade consciente do homem e suas raízes histórico-sociais Em A. B. Luria (Org.), **Curso de psicologia geral**. VI (pp. 71-84). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MEDEIROS, P. C., & LOUREIRO, S. R. **A observação clínica do comportamento de crianças com queixa de dificuldade de aprendizagem**. In E. M. Marturano, M. B. M. Linhares, & S. R. Loureiro (Orgs.), Vulnerabilidade e proteção: indicadores na trajetória de desenvolvimento do escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2004.
- MONEREO, A.M.P. **Distúrbios da aprendizagem**: uma abordagem psicopedagógica. São Paulo: EDICON, 2000.
- MONTESORI, M. **Pedagogia científica**: a descoberta da criança. Tradução de Aury Azelio Brunetti. São Paulo: Flamboyant, 1964.
- PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- PARENTE, S. **Pelos caminhos da ignorância e do conhecimento**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000, p.17-30
- PAULA, Sandra Regina; FARIA, Moacir Alves. Afetividade na aprendizagem. **Revista eletrônica Saberes da Educação**, v.1, n.1, 2010.
- PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- RUBINSTEIN, Edith. A intervenção psicopedagógica clínica, in SCOZ. et. al. **Psicopedagogia – contextualização, formação e atuação profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**. 3. Ed. Petropolis: Vozes, 1994.
- TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2003.
- VISCA, Jorge. Clínica Psicopedagógica. **Epistemologia Convergente**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. **Pensamento e linguagem**. Editora Martins Fontes: São Paulo, 1994.

WALLON, Henri. **Ciclo da Areadizagem**: Revista Escola, ed. 160, Fundação Victor Civita, São Paulo, 2001.

_____. **Origens do pensamento na criança**. S. Paulo: Manole, 1989.

WEISS, Maria Lúcia Lemme. **Psicopedagogia clínica** – uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. 13 ed. Ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ANEXOS
ANEXO A – ANAMNESE



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA

A N A M N E S E

A – IDENTIFICAÇÃO:

Nome do (a) cliente: _____ Idade: _____

Sexo: _____ Data de Nascimento: _____ Local: _____

Endereço: _____

Fone: _____ Celulares: Pai: _____ Mãe: _____

Escola: _____

Série: _____ Turma: _____

B – CONSTELAÇÃO FAMILIAR:

PAI: _____

Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Local de trabalho: _____ Fone: _____

Se mora separado da família, endereço: _____

_____ Fone: _____

MÃE: _____

Idade: _____ Profissão: _____ Escolaridade: _____

Local de trabalho: _____ Fone: _____

Se mora separada da família, endereço: _____

_____ Fone: _____

B-1 – RESPONSÁVEIS:

Nome: _____

Grau de Parentesco: _____ Idade: _____ Profissão: _____

Escolaridade: _____

B-2 IRMÃOS: (citar idade, sexo, escolaridade)

B-3 PARENTESCO:

Há parentesco entre os pais? _____ Se sim, qual é o grau de parentesco?

Pais Casados () Separados ()

Pai Ausente ()

Motivo: _____

Mãe Ausente ()

Motivo: _____

Pais adotivos ()

Com que idade (da criança) assumiram a guarda? _____

Qual (ais) motivo(s) que levaram a adotar uma criança?

A condição do filho (a) adotado (a) é sabida pela criança? Sim () Não ()

Se SIM, desse de quando tomou conhecimento?

Qual foi a reação? _____

Se NÃO, qual (ais) o (os) motivo(s) que impede(m) de tornar conhecimento?

C – CONDIÇÕES DE GESTAÇÃO: (especificar época dos itens assinalados)

Gravidez planejada: Sim () Não ()

Houve quedas: Sim () Não ()

Ameaças de aborto: Sim () Com quantos meses? _____ Não ()

Alguma doença? Sim () (qual(is) _____) Não ()

Uso de medicamentos Sim () qual(is) _____ Não ()

Raios-X – Sim () Com quantos meses? _____ Não ()

Evolução da gravidez:

Visitas periódicas ao Médico (PRÉ-NATAL):

Sim () Não ()

As visitas aconteceram mensalmente?

Sim () Não ()

Adquiriu muitos quilos durante a gravidez?

Sim () Quantos? _____ Não ()

Fumava: Sim () Quantos cigarros? _____ Não ()

Bebida alcoólica: Sim () Quantidade? _____ Não ()

Fez ultrassonografia?

Sim () Quantas? _____ Não ()

Para quê? E Por quê?

O bebê mexia muito?

Sim () Quando? _____

Não ()

D – CONDIÇÕES DO PARTO:

Prematuro ()

Com os nove meses completos ()

Bolsa estourou em casa ()

Parto em casa ():

Quem fez o parto? _____

Ao nascer, a criança chorou logo? Sim () Não () Por quê?

Parto no hospital ():

Normal ()

Cesariana ()

Demorado ()

Rápido ()

Forçado ()

Com Fórceps()

E - CONDIÇÕES DO NASCIMENTO:

Chorou: Sim () Não ()

Icterícia: Sim () Não ()

Cianose (pele azulada/roxa): Sim () Não ()

Convulsão Sim () Não ()

Outras dificuldades ocorridas ao nascer:

F – ALIMENTAÇÃO:

Depois de quantas horas de nascido (a) chegou para mamar a primeira vez? ____horas.

Dificuldades para sugar o bico do seio? Sim () Não ()

Rejeição ao bico: Sim () Não ()

Rejeição ao leite: Sim () Não ()

Sugou muito forte: Sim () Não ()

Sugou com dificuldades: Sim () Não ()

Adormecia ao seio: Sim () Não ()

Mamou durante quanto tempo? _____

Às vezes não mamava, mas fazia do bico do seio como se fosse uma chupeta:

Sim () Não ()

Mamava com exagero: Sim () Não ()

Mamava de madrugada: Sim () Não () até o _____ mês.

Fazia vômitos: Sim () Não ()

Prisão de Ventre: Sim () Não () - Muita? Sim () Não ()

Quando começou a comer comidas pastosas?_____

E sucos? _____

Quando começou a comer comida de sal? _____

Que tipo de comida? _____ Era inteira () ou amassada ()

Se amassada (papinha), por quê?

Durante quanto tempo? _____

Qual foi a reação ao receber este novo tipo de alimento?

E a da mãe, ao ver a criança aceitando outro alimento que não fosse o leite do seio?

Caso não tenha amamentado (a) no seio, por quê?

O que tentou fazer até chegar, realmente, a dar o alimento através de mamadeiras?

Aconselhada por quem?

G - DESENVOLVIMENTO: *(responde em meses ou idade (anos))*

Comportamento:

Muito quieto ()

Agitado ()

Choro frequente ()

Calmo ()

Firmou a cabeça com _____ meses

Engatinhou aos ____ meses

Primeiro dentinho _____ meses

Babou até _____ meses.

Falou aos ____anos.

Regurgitava? _____ quando? _____

Controle das fezes, aos _____ anos.

Sentou-se _____ meses

Controle da urina durante o dia aos _____ anos

Andou _____ meses.

Controle da urina à noite aos _____ anos.

Mão que começou a usar com mais frequência: D () E ()

Possíveis (primeiras) palavras(Caso lembre):

Deficiências na fala: Sim () Não ()

Se SIM, quais:

Convulsões, com febre: Sim () Não ().

Se SIM, quantas, quando e por quê? O que foi descoberto?

Convulsões, sem febre: Sim () Não ().

Se SIM, quantas, quando e por quê? O que foi descoberto?

Doenças – Quais?

Internações: Sim () Não ()

Se SIM, quantas, quando e por quê? O que foi descoberto?

Além da mãe, outras pessoas cuidaram da criança?

H – SONO:

Tranquilo () ; agitado () ; difícil () ;

Com interrupções: () durante o dia () à noite () ;

Dorme bem () ; Mexe muito () ; resmunga () ;

Range os dentes () ; Fala /grita () ; Chora () ; Ri () ; Sonambulismo () ;

Tem pesadelos, constante () .

Dorme no quarto dos pais () ;

Precisa de companhia até “pegar” no sono ()

Levanta-se à noite e passa para a cama dos pais ou irmãos ()

Tem companhia (irmãos ou babá) que dorme no mesmo quarto ()

I – MANIPULAÇÕES:

Usou chupeta: Sim () Não () Tempo: _____

Chupou/ Chupa o dedo: Sim () Não () Tempo: _____

Roeu ou rói unhas: Sim () Não () Quando: _____

Arranca cabelos: Sim () Não () Quando: _____

Morde os lábios: Sim () Não () Quando: _____

Pisca o(s) olhos (num gesto de tique): Sim () Não () Quando: _____

Quais atitudes tomadas diante de cada ou de todos esses hábitos comportamentais?

J – SEXUALIDADE:

Curiosidade despertada () Com que idade? _____

Masturbações: Sim () Não () – Com que idade? _____

Local: Quarto () Banheiro () Qualquer local ()

Quando percebeu-se este comportamento? Por quê?

Envolve (eu) em jogos sexuais? Sim () Não (); Sozinha (), Com outra criança();

Quando? (descrever situação)

L – SOCIABILIDADE:

Quando bebê ia facilmente com outras pessoas? S () N ()

Prefere (ria) brincar sozinho? S () N ()

Com frequência, larga (va) os seus brinquedos para brincar com os brinquedos dos outros?

Sim() Não ()

Socializa (va) os seus brinquedos? Sim () Não ()

Não aceita (va) outras crianças brincando com os seus brinquedos? Sim () Não ()

Recebe (ia) com frequência a visita de amigos? Sim () Não ()

Visita (va) com frequência a casa dos amigos? Sim () Não ()

Mesmo brincando com brinquedos de outras crianças, não deixava de brincar com os seus?

Sim () Não ()

Aceitava que outra(s) criança(s) assentassem no colo de pessoas conhecidas, como mãe, avó, babá...? Sim () Não ()

Adaptava-se facilmente ao meio, com outras crianças? Sim () Não ()

Faz amigos, facilmente? Sim() Não ()

Têm amigos? Sim () Não ()

Conserva as amizades? Sim () Não ()

Atualmente, como está a socialização dele (a), na Escola, na Família e em outro ambiente?

Gosta de sair, ir ao shopping, em festas, em clubes, enfim, de conviver com outras pessoas e outros ambientes? (*procure descrever*)

Descreva um dia (*de 2ª a sábado, quando os adultos estão trabalhando*) de seu (sua) filho (a):
(*Continue sendo fiel às informações!*).

Descreva um dia de seu (sua) filho (a) com um colega: (*continue sendo fiel as suas informações!*)

Descreva um Domingo de seu (sua) filho (a): (*Continue sendo fiel as suas informações!*).

M – RELAÇÕES AFETIVAS:

Descreva quando ocorre, e torna-se incômodo:

Choros:

Mentiras:

Fantasias:

Emoções:

Quando ocorre (m) demonstrações de:

Carinho: Com quem?

Piedade: De quem?

Raiva / Ódio: De quem?

Ciúmes: De quem?

Inveja: De quem?

Amizade: Com quem?

Prefere amigos: Mais velhos (); Mais novos (); Mesma idade ().

Como são as brincadeiras e as relações afetivas (alegria, tranquilidade, solidariedade, indiferença, imposição e outros) com os amigos:

Mais velhos?

Mais novos?

Da mesma idade?

E quanto aos animais? Possui algum (uns)? Qual (is)?

N – ESCOLARIDADE:

Frequentou creches? S () N ()

Frequentou maternal? S () N ()

Frequentou Pré-escola? S () N ()

Mudou muito de escola? S () N ()

Vai bem na escola? S () N ()

Gosta da escola? S () N ()

Recebe ajuda para fazer as tarefas? S () N ()

Os pais, ou outra pessoa estudam com a criança ou adolescente? S () N ()

Quem? _____

Procura estar em destaque na sala de aula? Sim ()

Quando? _____

Gosta do(s) professor (es)?

Sim()

Por quê? _____

Não ()

Por quê? _____

Se é o primeiro ano no Colégio, procure resumir como foi à primeira semana:

No momento, como ele se encontra na escola, em relação:

AO COLÉGIO?

AOS COLEGAS?

AOS PROFESSORES?

ÀS MATÉRIAS?

A SI MESMO?

A FAMÍLIA?

PAI:

MÃE:

IRMÃOS:

O – DOS ADEJTIVOS ABAIXO, QUAIS OS QUE APLICAM MELHOR EM SEU (SUA) FILHO (A)?

Atento ()	Cruel ()	Curioso ()	Inseguro ()
Lento()	Crítico ()	Mimado ()	Cuidadoso ()
Persistente ()	Agressivo ()	Cauteloso ()	Rápido ()
Criativo ()	Descuidado ()	Sensível ()	Inquieto ()
Observador ()	Sociável ()	Desinteressado ()	Carinhoso ()
Impetuoso ()	Indiferente ()	Preocupado ()	Asseado ()
Ativo ()	Participativo ()	Interessado ()	Esperto ()
Introspectivo ()	Teimoso ()	Submisso ()	Mandão ()
Chorão ()	Independente ()	Dissimulado (a) ()	

ANEXO B – ENTREVISTA COM O PROFESSOR

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS****PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL E CLÍNICA****ESTÁGIO CLÍNICO
SUPERVISIONADO**

A Psicopedagogia é uma área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades. Preventivamente, a Psicopedagogia atuando na Instituição Escolar, pode promover a reflexão sobre a natureza dos sistemas de crenças que sustentam a relação professor-aluno e, por conseguinte, potencializar e ressignificar a aprendizagem dos sujeitos pertencentes ao coletivo de seres que ensinam e apreendem novas realidades. No entanto, não deve se limitar apenas ao âmbito escolar, mas também alcançar a família e a comunidade, esclarecendo sobre as diferentes etapas e processos do desenvolvimento, para que possam compreender e entender suas características, evitando assim cobranças de ações ou pensamentos que não são próprios da idade.

**QUESTIONÁRIO APLICADO PARA O PROFESSOR COMO REQUISITO PARCIAL
PARA O DIAGNÓSTICO CLÍNICO**

IDENTIFICAÇÃO

Nome do aluno: _____

Idade: _____

Escola: _____

Ano Escolar: _____

Nome do(a) Professor(a): _____

1- O aluno vai bem na escola? _____

2- É irrequieto na escola? _____

Em que circunstâncias ?

3- Como se comporta em brigas? Agride ou chora?

Outros: _____

4- Como reage quando contrariado?

5- Precisa de ajuda para fazer alguma coisa? Para fazer o que?

6- Apresenta dificuldades em leitura ou escrita? _____

Quais?

7- Tem dificuldades em organizar os cálculos?

8- Como é sua postura na carteira de escrever?

9- Acalca muito o lápis?

10- Apresenta alguma dificuldades motoras?

11- Na leitura oral apresenta:

- leitura silábica: _____
- Leitura vacilante: _____
- Leitura corrente expressiva: _____
- Boa compreensão no texto lido: _____

12- Como é o aluno sob o ponto de vista emocional?

13- Em qual destas características a criança se encaixar mais?

- Agressiva ()
- Passiva ()
- Dependente ()
- Medrosa ()
- Retraída ()
- Excitada ()
- Calma ()
- Desligada ()
- Sem limites ()

14- Tem alguma outra dificuldade em classe? Qual?

15- Comparado com outra criança parece:

- Mais infantil ()
- Na média ()
- Mais amadurecida ()

Por quê? Outras observações que julgar convenientes:

ANEXO C – EOCA

EOCA - ENTREVISTA OPERATIVA CENTRADA NA APRENDIZAGEM

Nome: _____

Idade: _____

Gostaria que você mostrasse o que sabe fazer, o que te ensinaram e o que aprendeu...

Escolaridade do aluno: _____

Alguma repetência? () sim () não

Qual? _____

Disciplina favorita? _____

Por quê? _____

Desde quando? _____

Disciplina de que não gosta? _____

Por quê? _____

Desde quando? _____

Disciplina(s) indiferente(s) _____

Sempre foram essas? () sim () não

Por quê? _____

O que deseja fazer quando crescer? _____

Por quê? _____

Como foi sua entrada na escola atual? _____

Teve outras? () sim () não Como foi? _____

Você sabe por que está aqui comigo hoje? () sim () não

O que achou da idéia? _____

Você quer estar aqui ou veio porque sua mãe, o colégio ou o seu professor o obrigou?

Eles têm razão? () sim () não

Se pudesse e tivesse que fazer algo para um aluno que se parecesse com você em sala de aula, o que aconselharia, a fazerem:

Aos pais: _____

Aos professores: _____

Você gosta de:

Use este material, se precisar para mostrar-me o que você sabe a respeito do que sabe fazer, do que lhe ensinaram e o que aprendeu. Desenhe, escreva, faça alguma coisa que lhe venha à cabeça.

ANEXO D - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Marque as questões observadas

Em relação à temática:

- fala muito durante todo o tempo da sessão
- fala pouco durante todo o tempo da sessão
- verbaliza bem as palavras
- expressa com facilidade
- apresenta dificuldades para se expressar verbalmente
- fala de suas ideias, vontades e desejos
- mostra-se retraído para se expor
- sua fala tem lógica e sequência de fatos
- parece viver num mundo de fantasias
- tem consciência do que é real e do que é imaginário
- conversa com o terapeuta sem constrangimento

Observação:

Em relação à dinâmica (consiste em tudo que o cliente faz)

- o tom de voz é baixo
- o tom de voz é alto
- sabe usar o tom de voz adequadamente
- gesticula muito para falar
- não consegue ficar assentado
- tem atenção e concentração
- anda o tempo todo
- muda de lugar e troca de materiais constantemente
- pensa antes de criar ou montar algo
- apresenta baixa tolerância à frustração
- diante de dificuldades desiste fácil
- tem persistência e paciência
- realiza as atividades com capricho
- mostra-se desorganizado e descuidado
- possui hábitos de higiene e zelo com os materiais
- sabe usar os materiais disponíveis, conhece a utilidade de cada um
- ao pegar os materiais, devolve no lugar depois de usá-los
- não guarda o material que usou
- apresenta iniciativa
- ocupa todo o espaço disponível
- possui boa postura corporal
- deixa cair objetos que pega
- faz brincadeiras simbólicas
- expressa sentimentos nas brincadeiras
- leitura adequada à escolaridade
- interpretação de texto adequada à escolaridade faz cálculos
- escrita adequada à escolar

Observação:

ANEXO E - DECLARAÇÃO

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que

É aluno (a) do Curso de Pós-Graduação Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis e atendendo ao que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) o mesmo (a) estará realizando estágio Supervisionado, totalizando carga horária de 100 horas.

Anápolis, ____ de ____ de 20 ____.

ANEXO F – FICHA DE ENCAMINHAMENTO

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONALEstágio Supervisionado em PSICOPEDAGOGIA Clínica

ENCAMINHAMENTO

Estamos encaminhando o (a) aluno(a)

Nascido (a) em ____/____/____ regularmente matriculado na ____ série
estando em processo de avaliação psicopedagógica e
necessidade: _____

Hipótese Diagnóstica:

Observações:

Anápolis, ____ de ____ 20__ .

Ana Maria Vieira de Souza
Psicopedagoga-Supervisora de
Estágio Clínico Psicopedagogia

Aluno Estagiário
Pós Graduação em
Psicopedagogia

ANEXO G – TERMO DE CONSENTIMENTO



FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Profissional: _____

Estagiário: _____

Eu, _____ aceito participar do Processo de Atendimento Psicopedagógico, cujo objetivo central é o de atender o participante oferecendo acompanhamento psicopedagógico e intervenções psicopedagógicas.

Estou ciente de que terei atendimento psicopedagógico durante as sessões, submetendo-me a atividades de testes, entrevistas, e observações por parte do estagiário de psicopedagogia.

Reconheço que tenho o direito de fazer perguntas que julgar necessárias.

Entendo que minha participação é voluntária e que poderei me retirar do processo a qualquer momento.

Os profissionais se comprometem a manter em confidência toda e qualquer informação que possa me identificar individualmente quando da apresentação de resultados deste trabalho às pessoas interessadas.

Anápolis, _____ de _____ de 2014.

Assinatura do participante

Assinatura do Profissional Responsável

Assinatura do Aluno Responsável

ANEXO H – FICHA DE FREQUÊNCIA
FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA E
INSTITUCIONAL Anápolis-GO



Estágio de aperfeiçoamento profissional PSICOPEDAGOGIA
Controle da frequência do aluno nas atividades de campo

1. IDENTIFICAÇÃO DO ESTÁGIO:

ESTÁGIO PSICOPEDAGOGIA CLÍNICA

Campo de Estágio: _____

Nome do professor-supervisor: ANA MARIA VIEIRA DE SOUZA

Nome do profissional de campo: _____

Nome do estagiário: _____

2. FREQUENCIA NAS ATIVIDADES DE CAMPO

Data	Carga-horária	Atividade desenvolvida	Assinatura (1)

(11) A assinatura da frequência de atividades de campo seguirá o seguinte procedimento:
Estágios em instituições conveniadas: O Gestor da instituição, responsável pelas atividades de campo do aluno, assinará a frequência das atividades.

ANEXO I – TERMO DE COMPROMISSO**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL****TERMO DE COMPROMISSO DO ESTAGIÁRIO**

Eu, _____
Aluno (a) de Pós-Graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Faculdade Católica de Anápolis Turma ____ Anápolis-Goiás assumo compromisso da realização em estágio supervisionado junto a Católica de Anápolis ao cumprimento que dispõe a Lei 9.394/96 (LDB) totalizando a carga horária de 100 horas, no período de ____ / ____ / ____ a ____ / ____ / _____. Ciente de tratar-se de prática curricular obrigatória como garantia à certificação, e que o não cumprimento do mencionado estágio no prazo estabelecido implicará em minha reprovação.

Anápolis, ____, de _____ 20 __.

Assinatura: _____

C.P.F.: _____

R.G.: _____

ANEXO J – SISTEMA DE HIPÓTESES

Curso de Pós Graduação em Psicopedagogia

Estagio Supervisionado
SISTEMA DE HIPÓTESE

Aprendente: (iniciais do nome): _____

Idade: _____

Aluno (a) (estágio): _____

Serie: _____

QUADRO 1- 1º SISTEMA DE HIPÓTESE

DIMENSÃO COGNITIVA	LINHA DE PESQUISA

DIMENSÃO AFETIVA	LINHA DE PESQUISA

QUADRO 2 - 2º SISTEMA DE HIPÓTESE

DIMENSÃO FUNCIONAL	ANAMNESE

DIMENSÃO CULTURAL	ANAMNESE

QUADRO 3 - 3º SISTEMA DE HIPÓTESE

DIMENSÃO COGNITIVA	DIAGNOSTICO FINAL

DIMENSÃO AFETIVA	DIAGNOSTICO FINAL

DIMENSÃO FUNCIONAL	DIAGNOSTICO FINAL

DIMENSÃO CULTURAL	DIAGNOSTICO FINAL

ANEXO K – DESENHO DA FAMÍLIA

ANEXO L – MEUS COMPLEÃNOS

ANEXO M – BRINCANDO COM A FAMÍLIA

ANEXO N – PAR EDUCATIVO

ANEXO O – INFORME PSICOPEDAGÓGICO

1 DADOS PESSOAIS

Aprendente: _____

Data de nascimento _____ Idade: _____

Escola: _____ Série: _____

2 MOTIVO DO ENCAMINHAMENTO

Queixa da Escola (Professora e/ou Serviços): Queixa da escola: (professora)

3 TEMPO DE INVESTIGAÇÃO

Período de avaliação: _____

Número de sessões: _____

5.4 INSTRUMENTOS UTILIZADOS

- _____
- _____
- _____
- _____
- _____
- _____

5 ANALISE DOS RESULTADOS NOS ASPECTOS:

*Aspecto afetivo / emocional:

*Aspecto social/ cultural:

*Aspecto corporal:

*Aspecto cognitivo pedagógico:

6 SÍNTESE DE RESULTADOS – HIPÓTESE DIAGNOSTICA

7 RECOMENDAÇÕES E INDICAÇÕES

ANEXO P – REALISMO NOMINAL

VERIFICAÇÃO DA SUPERAÇÃO OU NÃO DO REALISMO NOMINAL

Nome: _____

Idade: _____

Data: _____

QUESTÕES	RESPOSTAS DO APRENDENTE
Diga uma palavra grande: <ul style="list-style-type: none"> • Por que você acha esta palavra é grande? 	_____ _____ _____
Diga uma palavra pequena: <ul style="list-style-type: none"> • Por que você acha esta palavra é pequena? 	_____ _____ _____
Qual é a palavra maior: <ul style="list-style-type: none"> • ARANHA ou BOI? Por quê? 	_____ _____ _____
Qual é a palavra menor: <ul style="list-style-type: none"> • TREM ou TELEFONE? Por quê? 	_____ _____ _____
Diga uma palavra parecida com a palavra BOLA: Por que esta palavra se parece com a palavra BOLA?	_____ _____ _____
Diga uma palavra parecida com a palavra CADEIRA: Por que esta palavra se parece com a palavra CADEIRA?	_____ _____ _____
As palavras BALA e BALEIA são parecidas? Por quê?	_____ _____ _____
(Com as cartelas MESA e CADEIRA). Onde está escrito CADEIRA? Por quê?	_____ _____ _____

<p>(Com as cartelas BODE, BOLA e CABRA). Ressaltar a semelhança entre as duas primeiras.</p> <p>A palavra parecida com a palavra BODE é: BOLA ou CABRA?</p> <p>Por quê?</p>	<hr/> <hr/> <hr/>
<p>(Com as cartelas PÉ e DEDO). Onde você acha que está escrito PÉ? E onde está escrito DEDO? Por quê?</p>	<hr/> <hr/> <hr/>

Conclusão:

Assinatura: _____

